



TEMA:

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO

Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria

Ana Carolina Cercas Capelo Proença Pereira

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica:

Professor Doutor José Manuel Aguiar Portela da Costa

Júri:

Presidente: Professor Doutor Jorge Virgílio Rodrigues Mealha Costa

Vogal: Professor Doutor Paulo Jorge Garcia Pereira

DOCUMENTO DEFINITIVO

Lisboa, FAU Lisboa, Fevereiro, 2020

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria

RESUMO

Em virtude do cenário de abandono e perda de parte do nosso colossal e ímpar património, e do generalizado desconhecimento do território, da paisagem e da cultura, este trabalho procurou, através do campo da arquitetura, soluções para compreender estes valores. Nesta conjuntura do património, integra-se o Pessegueiro, um território de valor paisagístico e arquitetónico imensurável.

O Pessegueiro reúne num só lugar, de forma rara e única, elementos naturais e culturais, bem como, as inquietações precedentemente mencionadas. Como resposta a estas preces, a intervenção arquitetónica ambiciona transformá-las em oportunidades. Por intermédio do desenho de percursos e acessibilidades, o projeto permite que o património e paisagem se tornem uníssonos, contando a história da terra e das suas gentes, com o intuito de que seja revelado a (re)descoberta da sua identidade e a memória.

Nos percursos da costa e ilha do Pessegueiro revela-se o desenho de uma das inúmeras formas de contemplar os contornos do território. No Forte do Pessegueiro evidencia-se como o desenho arquitetónico regenera o desejo de voltar a habitar este lugar, trazendo novos usos, fruição e vivências.

PALAVRAS-CHAVE

Território | Paisagem | Património | Percurso | Identidade

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria

ABSTRACT

Currently, there is a generalized scenario of abandonment and loss of invaluable and unique heritage, along with a widespread unawareness of our territory, landscape and culture. Given this situation, this projects aims to find solutions to address these challenges while improving the understanding of these values. Namely, this project focuses on the Pessegueiro, a landmark of an immense architectural and scenic value.

The Pessegueiro gathers in one place, in an unique and singular fashion, natural and cultural elements, along with all the aforementioned concerns. As such, the architectural intervention strives to transform those concerns into opportunities. Through the design of pathways and required accessibilities, this project allows a symbiosis between the territory heritage and landscape, by telling the story of this land and its people so that their identify and memory is (re)discovered.

Along the Pessegueiro coast and island pathways, it is revealed the design of one the innumerable ways to admire the contours of this territory. Moreover, the Pessegueiro fort illustrates how the architectural design is capable of regenerating the desire to inhabit this landmark, bringing new usages, fruition and experiences.

KEY-WORDS

Territory | Landscape | Heritage | Pathway | Identity

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria

AGRADECIMENTOS

O lugar do Pessegueiro passou a ter para mim um significado muito especial, que transcende a sua beleza e misticidade. Para além de marcar o fim de uma etapa, de cinco anos árduos e de conhecimento, também avizinha o início de uma vida profissional que permitirá prosseguir a paixão pela arquitetura e o desenho. Isto posto, gostaria de agradecer a quem acompanhou este processo e com a sua ajuda, apoio e motivação contribuiu para que o mesmo se concretizasse.

Primeiramente, ao Professor José Aguiar que desde o início acreditou neste projeto e, principalmente, pelo conhecimento, críticas, respostas e ideias partilhadas, que me enriqueceram e incentivaram ao longo de todo o percurso.

Em segundo lugar, à minha família pelo apoio incondicional em todos os momentos, e sobretudo, pela ajuda e experiências vividas, durante este trabalho. Particularmente: à avó e à mana que comigo percorreram a Rota Vicentina; ao pai que incansavelmente visitou comigo o Pessegueiro; e à mãe, que se aventurou connosco a visitar de barco a Ilha do Pessegueiro.

E por último, ao meu namorado pela força e inspiração que me transmitiu, pela paciência e, essencialmente, por ser um pilar fundamental na minha vida.

ÍNDICE

Resumo	ii
Abstract	iv
Agradecimentos	vi
Índice de imagens	xi
1. INTRODUÇÃO	1
2. CONHECER	5
2.1 Património	7
2.2 Percurso	11
3. HISTÓRIA	13
3.1 Da Idade do Ferro ao Bronze	15
3.2 Período Romano	15
3.3 Século XVI- Filipe Terzi e Alexandre Massai	16
3.3.1 Utopia de um Porto artificial no Pessegueiro	16
3.3.2 Plataforma do Pessegueiro	18
3.3.3 Forte da Ilha do Pessegueiro	20
3.4 Século XVII- João Rodrigues Mouro	21
3.5 Século XVIII - João Gabriel de Chermont e Diogo Correia da Mota	23
3.6 Finais Século XVIII- Jacinto Fernandes Bandeira e Henrique Guilherme de Oliveira	23
3.6.1 Povoação de Porto Covo	23
3.7 Século XIX- Fase de desativação das fortificações marítimas	24
3.8 Século XX - A descoberta do litoral alentejano	26
3.8.1 Os restauros de 1983 e 2008	26

4. TERRITÓRIO E LUGAR	33
4.1 A costa do Sudoeste Alentejano	35
4.1.1 De Sines a Vila Nova de Milfontes	35
4.2 Reconhecimento do território	39
4.2.1 Costa do Pessegueiro	39
4.2.2 Ilha do Pessegueiro	40
4.3 Levantamento cromático	47
4.3.1 Amostras recolhidas do local	47
4.4 A fortificação costeira do litoral alentejano	50
4.4.1 Forte do Pessegueiro	50
4.5 Classificação, medidas de proteção e os intervenientes	54
5. VALORES DO LUGAR	57
5.1 Autenticidade e Integridade	59
5.2 Valor Material e Construtivo	62
5.3 Valor como Património Militar	62
5.4 Valor como Paisagem	63
5.5 Valor Cultural	63
6. PROJETOS DE REFERÊNCIA	65
6.1 Nasionale Turistveger	67
6.2 Fortaleza de Juromenha	69
7. PROJETO	74
7.1 O Percurso como Projeto	75
7.1.1 Percurso dos Pescadores	77
7.1.2 Percurso Alto dos Cortes	78

7.1.3	Percurso Ilha do Pessegueiro	79
7.2	Habitar o Forte	81
8.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
9.	BIBLIOGRAFIA	89

ANEXOS

Anexo 1- Iconografia e Cartografia Histórica

Anexo 2- Registos Fotográficos

Anexo 3- Maquetas de Estudo

Anexo 4- Desenhos e Esquissos

Anexo 5- Elementos da Apresentação Final

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria

ÍNDICE DE IMAGENS

- 01.** Vista a norte da Pedreira, 2018
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 02.** Vista para o Forte do Pessegueiro, a partir da Ilha do Pessegueiro, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 03.** Viagem para a Noruega em 1733- Rei Christian VI, 1743
Disponível em: <http://www.kongemessamling.dk/en/dronningens-haandbibliotek/object/kong-christian-6-s-norske-rejse-i-1733-1743/>
- 04.** Menir, Merrivale, Devon
Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Merrivale,_Devon
- 05.** Vista para o Forte e Ilha do Pessegueiro, c.1970
Extraído de: QUARESMA, A. Martins- *Forte do Pessegueiro: Fortificação da Costa de Sines após a Restauração*. Sines, Museu de Sines, 2009. pp.84 e 85
- 06.** Representação da costa da Ilha do Pessegueiro, Alexandre Massai, 1621
Extraído de: QUARESMA, A. Martins- *Forte do Pessegueiro: Fortificação da Costa de Sines após a Restauração*. Sines, Museu de Sines, 2009. p.16
- 07.** Pormenor da Planta de Filipe Terzi com a plataforma construída em destaque, Alexandre Massai, 1621
Extraído de: QUARESMA, A. Martins –*Alexandre Massai. A escola italiana de Engenharia Militar no Litoral Alentejano*. Sines, Centro Cultural Emmerico Nunes, 2007. p. 17
- 08.** Planta do Forte do Pessegueiro de Filipe Terzi, Alexandre Massai, 1621
Extraído de: QUARESMA, A. Martins –*Alexandre Massai. A escola italiana de Engenharia Militar no Litoral Alentejano*. Sines, Centro Cultural Emmerico Nunes, 2007. p. 59
- 09.** Planta do Fortim da Ilha do Pessegueiro, Alexandre Massai, 1621
Extraído de: QUARESMA, A. Martins –*Alexandre Massai. A escola italiana de Engenharia Militar no Litoral Alentejano*. Sines, Centro Cultural Emmerico Nunes, 2007. p. 61
- 10.** Representação fantasiosa da costa de Sines/ Pessegueiro, Pedro Teixeira Albernaz, 1634
Extraído de: QUARESMA, A. Martins –*Alexandre Massai. A escola italiana de Engenharia Militar no Litoral Alentejano*. Sines, Centro Cultural Emmerico Nunes, 2007. p. 15
- 11.** Pormenor Costa do Pessegueiro, Chermont e Correira da Mota, 1781/1790
Extraído de: QUARESMA, A. Martins- *Forte do Pessegueiro: Fortificação da Costa de Sines após a Restauração*. Sines, Museu de Sines, 2009. p.75

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO

Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria

- 12.** Planta da Ilha do Pessegueiro, João Gabriel de Chermont, 2ª metade do século XVIII
Extraído de: QUARESMA, A. Martins –*Alexandre Massai. A escola italiana de Engenharia Militar no Litoral Alentejano*. Sines, Centro Cultural Emmerico Nunes, 2007. p. 14
- 13.** Planta Piso 0, Forte do Pessegueiro, com a utilização da técnica dos retalhos de papel rebatíveis, João Gabriel de Chermont, 1790
Extraído de: QUARESMA, A. Martins- *Forte do Pessegueiro: Fortificação da Costa de Sines após a Restauração*. Sines, Museu de Sines, 2009. p.79
- 14.** Planta Piso 1, Forte do Pessegueiro, com a utilização da técnica dos retalhos de papel rebatíveis, João Gabriel de Chermont, 1790
Extraído de: QUARESMA, A. Martins- *Forte do Pessegueiro: Fortificação da Costa de Sines após a Restauração*. Sines, Museu de Sines, 2009. p.78
- 15.** Desenho da Costa do Pessegueiro com planta do forte, João Rodrigues Mouro, 1693
Extraído de: QUARESMA, A. Martins- *Forte do Pessegueiro: Fortificação da Costa de Sines após a Restauração*. Sines, Museu de Sines, 2009. p.61
- 16.** Plano da área de Porto Covo que se pretendia povoar e cultivar, Henrique Guilherme de Oliveira, cª 1789/ 1794
Extraído de: QUARESMA, A. Martins –*Alexandre Massai. A escola italiana de Engenharia Militar no Litoral Alentejano*. Sines, Centro Cultural Emmerico Nunes, 2007. p. 41
- 17.** Planta referente à urbanização da nova povoação de Porto Covo, Henrique Guilherme de Oliveira, c. 1789/1794
Extraído de: QUARESMA, A. Martins –*Alexandre Massai. A escola italiana de Engenharia Militar no Litoral Alentejano*. Sines, Centro Cultural Emmerico Nunes, 2007. p. 41
- 18.** Praça do Porto Covo, anos 50 do século XX
Extraído de: QUARESMA, A. Martins- <<A ligação afectiva às terras aprofunda-se com o conhecimento>>. Redes do Tempo. Jornal do Museu de Sines: nº4, Janeiro 2011. p.4.
- 19.** Praça do Porto Covo, anos 50 do século XX
Extraído de: QUARESMA, A. Martins- <<A ligação afectiva às terras aprofunda-se com o conhecimento>>. Redes do Tempo. Jornal do Museu de Sines: nº4, Janeiro 2011. p.4.
- 20.** Planta do Forte do Pessegueiro, António de Sousa de Menezes, 1856
Extraído de: QUARESMA, A. Martins- *Forte do Pessegueiro: Fortificação da Costa de Sines após a Restauração*. Sines, Museu de Sines, 2009. p.63
- 21.** O banho 29 no Pessegueiro, início do século XX
Disponível em:
http://www.sines.pt/cmsines/uploads/document/file/1578/2015-08_-_O_Banho_29_em_Porto_Covo.pdf

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO

Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria

- 22.** O banho 29 no Pessegueiro, início do século XX
Extraído de: QUARESMA, A. Martins- *Forte do Pessegueiro: Fortificação da Costa de Sines após a Restauração*. Sines, Museu de Sines, 2009. p.83
- 23.** Postal aguarelado da praia de Sines, meados do século XX
Extraído de: PEREIRA, Ricardo Estevam - *Ler a Paisagem. Um passeio por Sines, guiado pelos seus escritores*. Sines, Câmara Municipal de Sines, 2008, p.23
- 24.** Postal ilustrado do Forte do Pessegueiro, finais da década de 70 ou inícios da década de 80, do século XX
Extraído de: QUARESMA, A. Martins- *Forte do Pessegueiro: Fortificação da Costa de Sines após a Restauração*. Sines, Museu de Sines, 2009. p.87
- 25.** Vista do lado Sul Forte do Pessegueiro, c.1970
Extraído de: QUARESMA, A. Martins- *Forte do Pessegueiro: Fortificação da Costa de Sines após a Restauração*. Sines, Museu de Sines, 2009. p.86
- 26.** Vista do lado Sul Forte do Pessegueiro, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 27.** Vista da praça baixa do Forte do Pessegueiro, c.1980
Extraído de: QUARESMA, A. Martins- *Forte do Pessegueiro: Fortificação da Costa de Sines após a Restauração*. Sines, Museu de Sines, 2009. p.88
- 28.** Vista da praça baixa do Forte do Pessegueiro, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 29.** Obras de reconstrução de toda a parede da ala Sul, 1986
Extraído de: QUARESMA, A. Martins- *Forte do Pessegueiro: Fortificação da Costa de Sines após a Restauração*. Sines, Museu de Sines, 2009. p.88
- 30.** Obras de reconstrução de toda a parede da ala Sul, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 31.** Arranjo da face do baluarte Sul, 1983
Extraído de: QUARESMA, A. Martins- *Forte do Pessegueiro: Fortificação da Costa de Sines após a Restauração*. Sines, Museu de Sines, 2009. p.88
- 32.** Vista do baluarte Sul e portal do Forte do Pessegueiro
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 33.** Cronologia
Elaborado por Ana Carolina Pereira
- 34.** Costa do Porto Covo/ Pessegueiro vista de norte, 2018
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 35.** Cabo de Sines, Calheta, século XX
Disponível em: <http://cabodesines.blogspot.com/2010/08/calheta-sines.html>

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO

Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria

- 36.** Enseada do Porto Covo, século XX
Extraído de: QUARESMA, A. Martins –*Alexandre Massai. A escola italiana de Engenharia Militar no Litoral Alentejano*. Sines, Centro Cultural Emmerico Nunes, 2007. p. 42
- 37.** Canal entre o forte e a ilha, visto da ilha do Pessegueiro, século XX
Extraído de: QUARESMA, A. Martins- *Forte do Pessegueiro: Fortificação da Costa de Sines após a Restauração*. Sines, Museu de Sines, 2009. p.50
- 38.** Vila Nova de Milfontes vista da margem sul do rio Mira, século XX
Extraído de: QUARESMA, A. Martins- *Vila Nova de Milfontes- História*. Junta de Freguesia de V. N. de Milfontes, 2003. Capa
- 39.** Ortofotomapa da costa do litoral alentejano- de Sines a Vila Nova de Milfontes
Elaborado por Ana Carolina Pereira
- 40.** Entrada da angra do Porto Covo, 2018
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 41.** Baía de Sines
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 42.** Mapa de Síntese Fotográfica- Trilho dos Pescadores
Elaborado por Ana Carolina Pereira
- 43.** Fotografias sequenciais do Trilho dos Pescadores, Rota Vicentina, 2018
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 44.** Mapa de Síntese Fotográfica, visita à Ilha do Pessegueiro
Elaborado por Ana Carolina Pereira
- 45.** Fotografias sequenciais da visita à Ilha do Pessegueiro, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 46.** Localização da imagem 47, Cimo da arriba, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 47.** Amostra areia, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 48.** Localização da imagem 49, praia do Pessegueiro, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 49.** Amostra areia, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 50.** Localização da imagem 51- Arriba, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria

- 51.** Amostra óxido de ferro, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 52.** Localização da imagem 53- Interior da chaminé de um dos compartimentos do Forte, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 53.** Amostra tijolo cerâmico, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 54.** Localização da imagem 55- Pavimento praça baixa do Forte do Pessegueiro, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 55.** Amostra pedra calcária, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 56.** Localização da imagem 57- Parede de um dos compartimentos do Forte do Pessegueiro, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 57.** Amostra reboco, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 58.** Localização das imagens 59 e 60- Muro junto ao Forte do Pessegueiro, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 59.** Amostra argamassa, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 60.** Amostra pedra arenítica, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 61.** Análise Laboratorial. 1 -Amostra 1; 2 -Amostra 2; 3 -Amostra 3; 4 - Amostra 4; 5 -Amostra 5; 6 -Amostra 6; 7 -Amostra 7; 8- Amostra 8
Elaborado por Ana Carolina Pereira
- 62.** Planta piso 1, com principais partes constituintes do Forte do Pessegueiro
Elaborado por Ana Carolina Pereira
- 63.** Portal do Forte do Pessegueiro, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 64.** Trânsito do Forte do Pessegueiro, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 65.** Vista a partir do baluarte Sul do Forte do Pessegueiro, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO

Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria

- 66.** Vista a partir da praça alta para a praça baixa do Forte do Pessegueiro, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 67.** Vista da praça alta, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 68.** Interior, primeiro piso do Pessegueiro, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 69.** Interior, primeiro piso do Pessegueiro, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 70.** Interior, primeiro piso do Pessegueiro, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 71.** Concelhos que figuram o Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina
Elaborado por Ana Carolina Pereira
- 72.** Planta do Plano de Ordenamento do Parque Natural do Litoral Alentejano e Costa Vicentina- Concelho de Sines
Elaborado por Ana Carolina Pereira
- 73.** Vista para Norte a partir do Forte da Ilha do Pessegueiro, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 74.** Evolução Ilha do Pessegueiro e Costa do Pessegueiro
Elaborado por Ana Carolina Pereira
- 75.** Vista a Sul para a ilha do Pessegueiro, a partir do Trilho dos Pescadores, 2018
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 76.** Steilneset Memorial, Vardo, Noruega, Peter Zumthor, 2011
Fotografia de Jarle Waehler
- 77.** Plataforma panorâmica Trollstigen, Noruega, Reiulft Arkitekter, 2012
Fotografia de Per Kollstad
- 78.** Área de descanso Rjupa, Noruega
Fotografia de Vegar Moen
- 79.** Vista Sul da Cerca Medieval e perímetro Abaluartado exterior da Fortaleza de Juromenha, 2007
Fotografia de José Aguiar e Pedro Pacheco
- 80.** Entrada da Praça-Forte, Fortaleza de Juromenha. José Aguiar, Pedro Pacheco, 2018
Fotografia de José Aguiar e Pedro Pacheco

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria

- 81.** Vista parcial do interior da Cerca Medieval e Cerca Abaluartada, 2018
Fotografia de José Aguiar e Pedro Pacheco
- 82.** Dados obtidos por varrimento laser no processo de alinhamento de nuvens de pontos, Fortaleza de Juromenha
Elaborado por Jorge Garcia-Fernandez; Luis Mateus; Victor Ferreira
- 83.** Vista para o Forte do Pessegueiro e Ilha do Pessegueiro, 2018
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 84.** Esquema conceptual do ponto de ligação entre o Percurso dos Pescadores, Percurso Histórico e Percurso do Alto dos Cortes
Elaborado por Ana Carolina Pereira
- 85.** Planta de intervenção do Percurso dos Pescadores
Elaborado por Ana Carolina Pereira
- 86.** Ilustração de Pastel de óleo do anfiteatro
Elaborado por Ana Carolina Pereira
- 87.** Planta de intervenção do Percurso Alto dos Cortes
Elaborado por Ana Carolina Pereira
- 88.** Ilustração Pastel de óleo das escadas da Pedreira
Elaborado por Ana Carolina Pereira
- 89.** Planta de intervenção Percurso Ilha do Pessegueiro
Elaborado por Ana Carolina Pereira
- 90.** Ilustração Pastel de óleo do pontão
Elaborado por Ana Carolina Pereira
- 91.** Ilustração Pastel de óleo da capela
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 92.** Esquema conceptual da capela, Ilha do Pessegueiro
Fotografia de Ana Carolina Pereira
- 93.** Esquema da estratégia conceptual para as duas tipologias de quartos do Forte do Pessegueiro
Elaborado por Ana Carolina Pereira
- 94.** Planta Piso 0 do Forte do Pessegueiro
Elaborado por Ana Carolina Pereira
- 95.** Planta Piso 1 do Forte do Pessegueiro
Elaborado por Ana Carolina Pereira
- 96.** Vista para a Ilha do Pessegueiro a partir do Porto Covo, 2018
Fotografia de Ana Carolina Pereira

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria

97. Vista a Norte a partir da Pedreira da Ilha do Pessegueiro, 2019
Fotografia de Ana Carolina Pereira





1.

INTRODUÇÃO

01. Vista a norte da Pedreira. Ana Carolina Pereira, 2018

O tema deste projeto final de mestrado visa a exploração de vínculos entre o território, a paisagem e o património, por intermédio da arquitetura. Face ao confrangedor abandono e trágica perda de parte do nosso vastíssimo e incomparável património cultural, pretende-se gerar hipóteses para a sua revitalização.

Nesta conjuntura do património, enquadra-se o lugar do Pessegueiro, que constitui a área de estudo deste trabalho. Situado na costa alentejana, tendo Sines como sua referência a norte, este lugar enigmático é portador de um património de valor paisagístico e arquitetónico incalculável, decorrente da fixação de diferentes povos ao longo do tempo.

Assim, este projeto consiste na conversão destes espaços num recurso estratégico para a sustentabilidade e o desenvolvimento do território e da população. Para este fim, propõe-se uma intervenção assente em duas dimensões e escalas do território.

A primeira, mais abrangente, procura desenhar e restituir percursos que apelam à memória, a histórias e a identidades que se viam esquecidas nos confins do tempo. Por intermédio de pequenos gestos arquitetónicos ao longo dos percursos, ambiciona-se um olhar único e individual, numa tentativa de redescobrir este místico território.

No que concerne ao património, nomeadamente o património militar presente, objetiva-se uma estratégia de reabilitação integrada com os percursos propostos para este lugar. Desta forma, pretende-se dar a conhecer e salvaguardar um dos inúmeros bens culturais, que constitui uma marca monumental de presença e ocupação da construção humana no território do Pessegueiro.

O presente trabalho é constituído por seis fases, que facultam uma leitura estruturada. Tendo início no panorama ideológico que o suporta, passando pela contextualização e caracterização do local de intervenção, casos de referência e, concluindo com o projeto.

O capítulo *CONHECER* evidencia as noções fundamentais e as doutrinas adotadas que regem e sustentam este trabalho.

Posteriormente, os capítulos *HISTÓRIA* e *TERRITÓRIO E LUGAR* expõem o enquadramento histórico e territorial, respetivamente, da costa do concelho de Sines, na qual se encontra inserido o Pessegueiro.

Com base nos capítulos anteriormente referidos, o capítulo *VALORES DO LUGAR* determina os valores presentes e potenciais do lugar. Nomeadamente, a autenticidade e integridade, valor material e construtivo, valor como património militar, valor como paisagem, valor cultural, que são determinantes para justificar o projeto de intervenção.

O quinto capítulo *PROJETOS DE REFERÊNCIA* resulta da confluência da procura de casos de estudo em conformidade com as estratégias do projeto, percursos na paisagem integrados através da arquitetura e, com a intervenção em estruturas de génese militar.

Por fim, o capítulo *PROJETO* dedica-se ao desenvolvimento prático de duas dimensões e escalas distintas de projeto, o desenho de percursos do Pessegueiro e a reabilitação do Forte do Pessegueiro. Apresenta-se todo o conteúdo programático e as bases conceptuais para o desenho, assim como, a representação gráfica do projeto prático dos percursos e do forte.





2. CONHECER

“O homem não se identifica com estruturas abstratas, mas com um mundo de coisas palpáveis. O nosso quotidiano não consiste em átomos ou moléculas, mas é feito de rochas e montanhas, de campos e árvores, de rios e lagos, de seres humanos e animais, casas e artefactos. São estas as coisas que conhecemos, reconhecemos e recordamos”¹

02. Vista para o Forte do Pessegueiro, a partir da Ilha do Pessegueiro. Ana Carolina Pereira, 2019

¹ Cit. por AGUIAR, José- *Cor e Cidade Histórica- Estudos cromáticos e conservação do património*. Porto: Ed. FAUP, 2002. p.116

2.1 Património

Ao termo património, do latim *patrimonium*, está adstrita uma ambivalência semântica. Desde o sentido tradicional e reducionista, de que o património é o “bem de herança que descende, segundo as leis, de pais e mães para os seus filhos”². Até à moderna evolução do termo e noção, sobre aquilo a que os povos determinam como seu património.

“Como é que foi que, do sentido inicial de bem de herança transmitido, segundo as leis, dos pais e mães para os filhos, chegámos à atual abundância semântica?”³

A evolução do conceito em análise está em constante alteração em conformidade com a ampla conjuntura cultural, política social e económica. Separada por épocas, países, regiões, e que ocorrem inerentes ao desenvolvimento dos processos históricos. Por conseguinte, a condição de património passou a incluir as mais distintas manifestações culturais, desde o individual ao coletivo e do concreto ao intangível.

“Património é o conjunto das obras do homem nas quais uma comunidade reconhece os seus valores específicos e particulares e com os quais se identifica. A identificação e a valorização do património é, assim, um processo relacionado com a seleção de valores.”⁴

À ideia intemporal de património, está implícito o sentimento de posse, o que sugere que estamos na presença de algo de valor. Segundo Françoise Choay, é possível identificar valores, cognitivos, económicos e artísticos, que caracterizam uma determinada estrutura edificada e lhes confere estatuto de património.

O Valor nacional é o mais importante, o qual justificava à priori a

² CHOAY, Françoise – *A Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, 2000. p.11

³ CALVETE, Mariana - *Itinerâncias e Percursos da Memória -Desenho que suporte a relação entre património, território e paisagem*. Tese de Mestrado Integrado em Arquitetura, Universidade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. 2013. p.16

⁴ CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE CONSERVAÇÃO- *Carta de Cracóvia 2000 – Princípios para a conservação e o restauro do património construído*, 2000. p.5

atribuição de novos destinos, educativos, científicos e práticos. Inspirou as medidas conservatórias tomadas pela Comissão de Instrução Pública e justificou o inventário, assim como, a verificação de todas as categorias heterogéneas da sucessão. Na França revolucionária o valor nacional é aquele que legitimou todos os outros, de que é indissociável e o conjunto hierarquizado daqueles a quem comunica o seu poder afetivo⁵.

O Valor cognitivo ou de memória ramifica-se numa série de ramos respeitantes a saberes abstratos e a múltiplos conhecimentos. Dado que, os monumentos são portadores de valores de saber específicos e gerais da história qualquer que seja o século a que pertencem. Consequentemente, inegáveis testemunhos da história, que atuam como elementos geradores da imagem e identidade territorial.

O valor económico dos monumentos históricos oferece modelos para a indústria, e o seu crescimento, adicionou um interesse do património como forma de atrair visitantes estrangeiros.

O valor artístico ou estético é uma característica intrínseca do bem arquitetónico ou arqueológico, que acompanhou as atitudes de apreciação ao longo dos séculos: da aplicação quase exclusiva ao legado da antiguidade clássica, ao interesse pelas estruturas arqueológicas e por todos os vestígios do passado, e ao alargamento a outras dimensões da arquitetura: corrente, industrial e vernacular.

Ao reduzir o campo aos bens culturais, as qualidades anteriormente referidas – económica, artística e cognitiva-transformam o legado herdado em património. O património não é só o legado que é herdado, mas o legado que, para um determinado coletivo humano e num determinado lapso no tempo, é digno de legar a gerações futuras, como expressão da nossa identidade pátria. Por essa razão, não carece de normas e diretivas internacionais, concebidas ou citadas por organismos vocacionados para a preservação da memória e da identidade de salvaguarda integrada desta herança comunitária.

⁵ CHOAY, Françoise – *A Alegria do Património*. Lisboa: Edições 70, 2000. p.119

O património evoca o passado. Abordá-lo, pressupõe, falar de identidades. Uma vez que, pode ser definido como uma síntese simbólica de valores identitários, que contribuem para um sentimento de pertença e de identificação de um coletivo social. Assim, a identificação e desenvolvimento dos valores em presença, que dão significado e identidade aos sítios, vem dependentes de si os planos de salvaguarda, reabilitação ou conservação. Estes devem orientar-se tanto para a preservação das memórias que interessam, proteção e restauro, como para projetar o seu futuro, reabilitação.

“Reabilitação: modificação de um recurso segundo padrões fundacionais contemporâneos, envolvendo a eventual adaptação a um novo uso⁶”

O património, conceito por si só complexo, tem com a identidade e memória inúmeras e variadas correlações. Ao longo do tempo, todo o investimento que um grupo faz na construção da memória é refletida na identidade.

“O que pode significar o passado para nós? As pessoas olham para trás por várias razões, mas uma é comum a todos: a necessidade de adquirir um sentido do eu e da identidade.”⁷

Logo, a memória coletiva está na base da construção da identidade. Esta reforça o sentimento de pertença identitária e, de certa forma, assegura unidade/coesão e continuidade histórica do grupo. A memória pode ser entendida como processos sociais e históricos, de expressões, de narrativas de acontecimentos marcantes, de coisas vividas, que legitimam, reforçam e reproduzem a identidade do grupo.

No decurso de alguns anos, a concentração da preservação do património cultural esteve voltada para o património arquitetónico e arqueológico, mais propriamente para os monumentos. O termo

⁶ Cit. por BARRANHA, Helena (org.) - Património Cultural: conceitos e critérios fundamentais. Lisboa: IST Press e ICOMOS-Portugal, 2016. p.85

⁷ TUAN, Yi-Fu - Espaço e Lugar: A perspetiva da experiência. São Paulo: Difel, 1930. p.206

monumento etimologicamente advém do latim *monumentu*, e por sua vez deriva da palavra *monere*, que quer dizer lembrar ou prevenir. A princípio, intitulou-se monumento a qualquer artefacto edificado por uma sociedade ou grupo de pessoas, para comemorar ou lembrar pessoas, eventos, ou ritos, bem como, para conservar a identidade.

Presentemente, ao monumento agrega-se a cidade, a paisagem cultural dos territórios e o património intangível, dos saberes. Há uma tomada de consciência à escala local, regional, nacional, ou ainda internacional, de que a paisagem é uma componente fundamental do património natural, histórico, cultural e científico que deve ser preservada. Esta atitude demonstra que a paisagem mais do que uma relação homem/ natureza, é um documento histórico, no qual se encontram elementos de diferentes tempos e onde a história pode ser lida. Nesse sentido, as paisagens exprimem a unicidade e identidade de cada lugar (*genius loci*), ao refletir a história natural como cultural de um território, num determinado momento.

Não obstante, somente 20 anos depois da Convenção para a Proteção do Património Mundial Cultural e Natural, em 1992, foi adotada pelo Comité do Património Mundial, a necessidade de diferenciar o património que resulta do vínculo entre homem e a natureza e que constitui as reciprocidades entre a diversidade biológica e cultural, especificamente relacionada às formas tradicionais de utilização das terras.

A classificação de determinadas paisagens como culturais, vem reconhecer nelas uma preciosa expressão da ação do homem que se vem perpetuando no espaço e no tempo como património coletivo. Exequível, em virtude da progressiva consciência das instituições europeias e mundiais do reconhecimento da dimensão patrimonial da paisagem para a formação de culturas locais, para o bem-estar humano e para a consolidação da identidade.

2.2 Percurso

" Com o termo percurso indicam-se, ao mesmo tempo, o ato da travessia (o percurso como ação do caminhar), a linha que atravessa o espaço (o percurso como objeto arquitetónico) e o relato do espaço atravessado (o percurso como estrutura narrativa)".⁸



03. Viagem para a Noruega em 1733- Rei Christian VI. HM the Queens Reference Library, 1743

Segundo Carl Saue, é o fruto da modificação de um mundo natural ao longo dos tempos tendo o homem como principal agente. A ideia exposta, pode ter sido iniciada no período Neolítico, pelo o erguer do menir que constituiu a primeira ação humana de transformação física da paisagem, de um estado natural –“resultado da interação exclusiva dos fatores físicos e bióticos, anteriores à ação do Homem”⁹ - a um estado artificial – “resultante da ação multissecular, contínua ou intermitente, do homem sobre a paisagem natural, apropriando-a e modificando-

⁸ CARERI, Francesco – *Walkscapes: o caminhar como prática estética*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2013 p.31

⁹ Cit. por PINTO-CORREIA, T., CANCELA D'ABREU, A., OLIVEIRA, R. -*Identificação de Unidades de Paisagem: Metodologia aplicada a Portugal Continental*. Finisterra, XXXVI, 72, 2001. p.196

a a fim de a adaptar pouco a pouco às suas necessidades, segundo o que a sua experiência, os seus conhecimentos e a sua intuição lhe foram ensinando, experiência transmitida de geração em geração”¹⁰.

Desta forma, o seu aparecimento veio insinuar uma nova ordem na paisagem, alterando o modo como o homem apropriava-se dela. Para Soromenho-Marques, a meditação sobre a paisagem é inseparável do processo de constituição do sistema de valores, saberes e instituições. Por outras palavras, ao longo do tempo, o Homem deixou de considerar a natureza como uma ameaça, utilizando todas as suas capacidades técnico-científicas para a modificar. E com isso, deixando marcas na organização e leitura do território, reconhecendo-lhe, beleza ou valor, como é o caso das fortificações militares. Identificaram-lhe um valor estratégico na paisagem, e pela sua função pontuaram-no.

“(...) a primeira ação à qual pode ser referido o nascimento da paisagem e, em geral, das artes que se ocupam da transformação da natureza em lugares seja esta: caminhar espaceando.”¹¹

Foi a partir da simples ação do caminhar, que foram desenvolvidas as mais importantes decisões que o homem travou com o território.



04. Menir, Merrivale, Devon. Wikipédia.

¹⁰ Ibidem

¹¹ CARERI, Francesco - *Caminhar e Parar*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2017. p.126





3.

HISTÓRIA

“Percorrendo-se a costa para Norte (<< pela parte do Oeste>>), a uma légua do <<canal>>, encontra-se um ribeirinho de água doce onde os corsários fazem também aguadas, por haver boa praia isolada. Continuando, vêm-se quatro moinhos e moradores e chega-se a outro curso de água, depois do qual se depara com uma ermida e dois moradores, e, no mar, com a ilha do Pessegueiro, a duas léguas da Vila Nova de Milfontes e a três da Vila de Sines.

Na ilha não mora ninguém e só a meia légua para o interior da costa há habitantes. Aqui embarcou D. António, prior do Crato, quando se retirou do reino.”¹²

05. Vista para o Forte e Ilha do Pessegueiro. António Martins Quaresma, c.1970

¹² GUEDES, Lívio da Costa- *Aspetos do Reino de Portugal nos séculos XVI e XVII. A <<Descrição>> de Alexandre Massai (1621) - II Tratado.* Arquivo Histórico Militar, 1989. p.107

3.1 Da Idade do Ferro ao Bronze

O canal que separa a Ilha do Pessegueiro do continente, dotado de excelentes condições naturais de fundeadouro e, os cursos de água doce na sua envolvente, desde cedo despertaram o interesse à fixação de populações desde a proto-história.

A presença humana no Pessegueiro remonta a Idade do Ferro. Apenas a 500 metros da linha de costa, na Herdade do Pessegueiro, foram identificados monumentos sepulcrais da Idade do Ferro, do Neolítico e da Idade do Bronze Pleno do Sudoeste conjuntamente o seu respetivo núcleo habitacional.

3.2 Período Romano

Os homens da antiguidade exploraram os recursos marinhos oferecidos pelo mar, principalmente o sal e o peixe. Alimentos que quando combinados eram usados em preparados complexos para culinária e medicina, bem como, para a conservação do pescado e subsequente transporte e consumo em áreas distantes do mar.

Na costa de Sines, particularmente na Ilha do Pessegueiro, são inúmeros os traços de atividade industrial e portuária referente aos preparados piscícolas da época romana, entre os séculos I a.C. e IV d.C. E, hoje em dia, sabe-se que derivado dessa peculiaridade, terá sido originado o nome Pessegueiro, do latim *piscarius* ou *piscarium*, adjetivo proveniente de *piscis* (peixe).

Primeiramente, a ilha comportou-se, essencialmente, como um entreposto marítimo nas rotas do comércio da Lusitânia e Bética. Na viragem para o século II, iniciou-se uma fase construtiva e, de certo modo, económica. Ocorrem as primeiras manifestações relacionadas com a atividade industrial de produção de salgas de peixe. A partir da segunda metade do século III, a atividade económica da comunidade romana altera-se: o entreposto comercial é abandonado e substituído por um centro exclusivamente industrial, de produção de salgas de peixe¹³. Mais

¹³ SILVA, Carlos Tavares; SOARES, Joaquina- *Ilha do Pessegueiro, Porto Romano da Costa Alentejana*. Lisboa, Instituto da Conservação da Natureza, 1993

tarde dá-se a sua decadência, consequência da forma como o Sul da Lusitânia se integrou no mundo romano e da evolução desse mesmo mundo.¹⁴

3.3 Século XVI- Filipe Terzi e Alexandre Massai

Na história do mar, o corso e a pirataria condicionaram de forma marcante as povoações costeiras. As gentes do litoral alentejano não foram exceção. Particularmente a ilha do Pessegueiro, que era usada como porto de abrigo para a navegação que se fazia ao longo da costa. Tornou-se um sítio concorrido e perigoso, por ser alvo de emboscadas contra a navegação por parte de corsários.

Durante o Período Filipino, a carência defensiva da costa mostrou-se evidente, constituindo uma preocupação régia. Este período ligou ainda mais o País aos novos centros do poder e do saber e, foi assim, que o litoral alentejano conheceu as primeiras intervenções dos engenheiros militares da escola italiana, nos planos da fortificação moderna e da engenharia hidráulica.¹⁵

3.3.1 Utopia de um Porto artificial no Pessegueiro

Assim surge enquadrado na política da monarquia filipina para defesa e controlo do território e apoiado pelo vice-rei de Portugal, Cardeal Alberto, Arquiduque da Áustria, o empreendimento do Pessegueiro. O projeto do Pessegueiro visou a criação de um porto seguro e cómodo para todo o tipo de embarcações, o aproveitamento das potencialidades piscatórias de um mar rico em sardinha, cavala, corvina e atum e, por último, a intenção de povoar aquela zona desabitada. Em 1588, deu-se início aos trabalhos, sob a direção do italiano Filipe Terzi, que consistiam no corte de blocos de pedra da ilha arenítica destinados à construção do molhe.

¹⁴ Ibidem pp.180 e 181

¹⁵ QUARESMA, A. Martins –*Alexandre Massai. A escola italiana de Engenharia Militar no Litoral Alentejano*. Sines, Centro Cultural Emmerico Nunes, 2007. pp. 11 e 12

“Deram por informação ao Sereníssimo Cardeal, Arquiduque de Áustria que Deus guarde, que cerrando-se de uma ponta da sobredita Ilha do Pexigeiro, até um penedo que se diz o cavalo que dista dela 85 braças que como o dito cerramento se ficaria ganhando um formoso e seguro porto cómodo para reconhecimento do muito género de embarcações ,e que as tais ficavam seguras de todos os ventos, e que juntamente no mar dela se podiam amar duas ou três armações de atum e sardinha como no Algarve, e que tudo seria de grande proveito e utilidade para a fazenda de Sua Majestade, e de grande cómodo para os mareantes por não haver naquela costa porto seguro onde se meterem nos fortuitos tempos, e juntamente de grande utilidade para os pescadores que ali fossem pescar e que fazendo-se seria causa de se vir a povoar aquela terra desabitada e nela vir-se a fazer uma grande vila ou cidade.”¹⁶



06. Representação da costa da ilha do Pessegueiro. Alexandre Massai, 1621

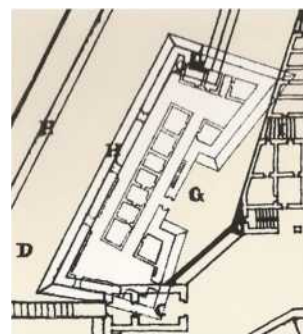
¹⁶ GUEDES, Lívio da Costa- *Aspetos do Reino de Portugal nos séculos XVI e XVII. A <<Descrição>> de Alexandre Massai (1621) - II Tratado*. Arquivo Histórico Militar, 1989. pp.108 e 109

3.3.2 Plataforma do Pessegueiro

Entretanto, durante a guerra travada contra Inglaterra, o estaleiro da obra foi várias vezes atacado, chegando mesmo a ser destruído, devido à ineficácia na sua proteção. Por o motivo anteriormente referenciado, foi traçado por Terzi um forte na costa defronte da ilha.¹⁷

“A planta do forte mostra a primeira tentativa de edificação de uma fortaleza moderna na costa alentejana. As soluções arquitetónicas são as do maneirismo militar, tendo Terzi desenhado uma complexa construção, conformada aos avanços da pirobalística, com a quase rigorosa simetria, os baluartes e os meios baluartes, a estrada coberta, a porta dissimulada, o corpo da guarda. A planta estreita para nascente e alarga para poente, de modo a criar uma ampla praça para artilharia assestada sobre o mar.”¹⁸

Filipe Terzi, em 1590, deixou o trabalho do pessegueiro, sendo substituído por outro engenheiro militar italiano, Alexandre Massai. Este, continuou a sua obra do forte e do porto até 1598. No entanto, o forte permaneceu longe de ser concluído devido à pressão inimiga, que obrigou Massai a edificar uma trincheira ou bateria, armada com quatro peças de artilharia, seis mosquetes e 25 arcabuzes. Essa bateria, aproveitava a escarpa de um meio baluarte do forte idealizado, bem como a cava e lança, dois meios baluartes para o lado oposto, unidos por uma cortina onde se encontra a porta. Por outro lado, no porto marítimo, usou processos mais inovadores no corte e no transporte dos blocos de pedra para o mar. No entanto, apesar do arenito ser de fácil corte, Massai verificou que as suas excelentes características para obras de alvenaria não se verificavam na engenharia hidráulica.

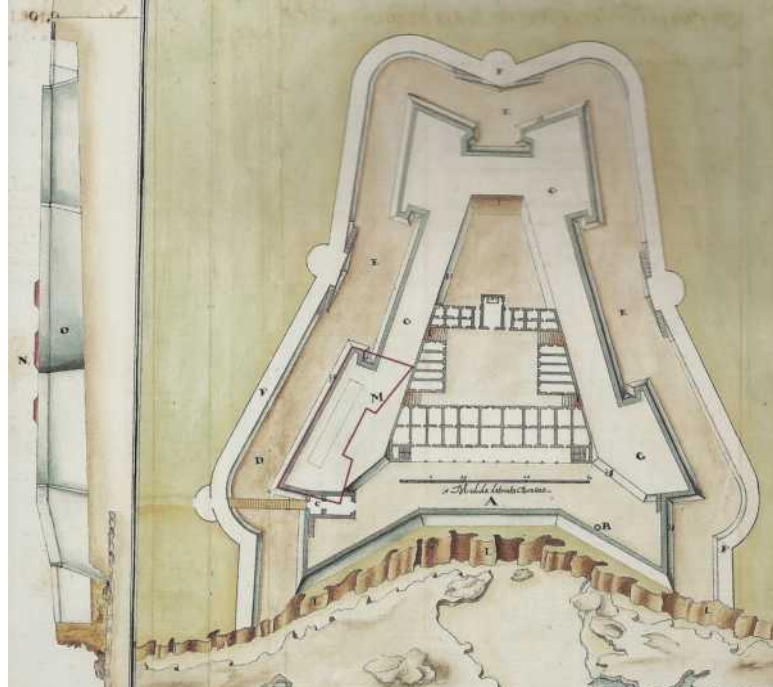


07. Pormenor da Planta de Filipe Terzi com a plataforma construída em destaque. Alexandre Massai, 1621

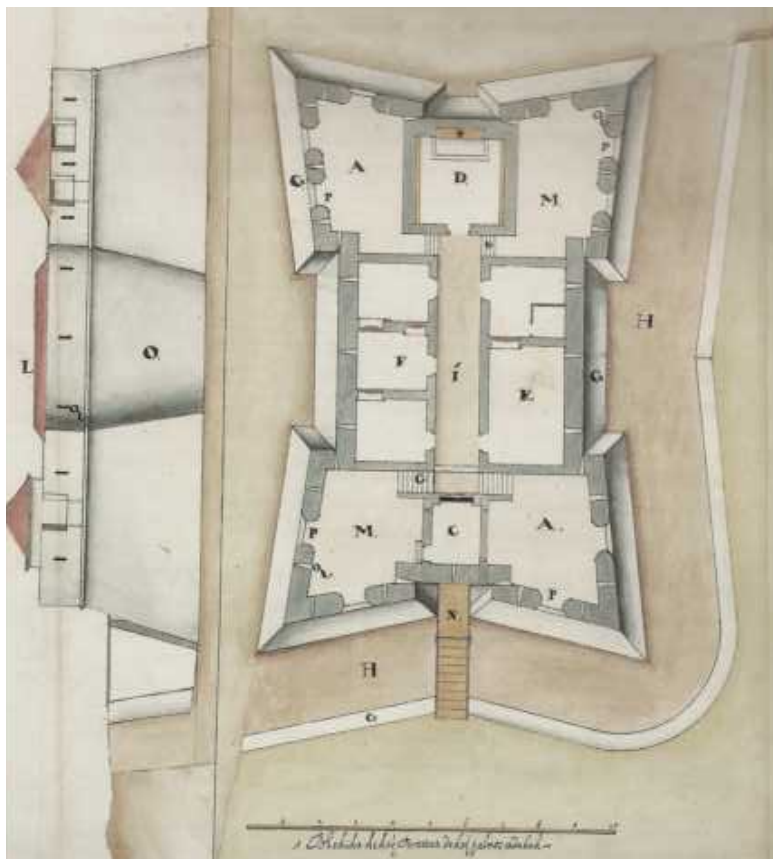
¹⁷ QUARESMA, A. Martins- *Forte do Pessegueiro: Fortificação da Costa de Sines após a Restauração*. Sines, Museu de Sines, 2009. p. 18

¹⁸ QUARESMA, A. Martins –*Alexandre Massai. A escola italiana de Engenharia Militar no Litoral Alentejano*. Sines, Centro Cultural Emmerico Nunes, 2007. p. 15

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria



08. Planta Forte do Pessegueiro de Filipe Terzi. Alexandre Massai, 1621



09. Planta do Fortim da Ilha do Pessegueiro, Alexandre Massai, 1621

3.3.3 Forte da Ilha do Pessegueiro

O forte que estava a ser construído na linha de costa não permitia uma defesa eficaz contra os ataques de corsários que se aproximassem a coberto da ilha. Massai num relatório expôs os factos aos governadores do reino e foi decidido que no interior da ilha se fizesse um pequeno forte que servisse não só como uma estrutura de defesa, mas também como habitação para os seus trabalhadores¹⁹.

Desta forma, Massai concebeu e construiu o Forte da Ilha do Pessegueiro, também denominado Forte de Santo Alberto do Pessegueiro ou Forte da Ilha de Fora, de planta básica retangular, estrelado, com quatro pequenos baluartes nos ângulos. Na planta é evidente, o habitual programa de fortificação, com os baluartes, o fosso aberto na rocha arenítica nos lados norte e poente, o corpo da guarda, as bombardeiras para a artilharia e as seteiras para arcabuzes ou mosquetes. No interior, os armazéns e alojamentos para os soldados e uma pequena capela dedicada a Santo Alberto. No entanto, nunca chegou a ser artilhado, quem sabe, nem mesmo acabado.²⁰

O engenheiro dirigiu a obra até 1598, ano em que foi interrompida por deliberação régia até 1602. Nesse intervalo de tempo, foi encarregue ao serviço da Coroa a construção do forte de Vila Nova de Milfontes. Em virtude dos permanentes ataques de corsários e piratas ao porto e à vila, reduzindo-a a escassos habitantes e, tornando inadiável a intervenção do rei para a providencia da fortificação da vila.²¹

Apesar do regresso ao Pessegueiro, em 1603, Massai não conseguiu evitar o abandono, pelo Poder, a que a obra do Pessegueiro tinha sido impelida. Sendo, seguidamente, destacado para a construção da calheta da vila de Sines,



10. Representação fantasiosa da costa de Sines/Pessegueiro. Pedro Teixeira Albernaz, 1634

¹⁹ GUEDES, Lívio da Costa- *Aspetos do Reino de Portugal nos séculos XVI e XVII. A <<Descrição>> de Alexandre Massai (1621) - Il Tratado*. Arquivo Histórico Militar, 1989. p. 112

²⁰ QUARESMA, A. Martins - *Alexandre Massai. A escola italiana de Engenharia Militar no Litoral Alentejano*. Sines, Centro Cultural Emmerico Nunes, 2007. pp. 16 e 17

²¹ QUARESMA, A. Martins- *Vila Nova de Milfontes- História*. Junta de Freguesia de V. N. de Milfontes, 2003. p.155

marcando assim uma alteração do interesse na costa de Sines, por parte do Poder filipino.

3.4 Século XVII- João Rodrigues Mouro

Depois da Restauração, foi criada uma Aula de Fortificação ou Aula Régia, que formou novos quadros portugueses, menos dispendiosos que os estrangeiros. Dessa forma, por todo o país, em diversas praças, foram colocados engenheiros formados na “escola portuguesa de arquitetura militar”.

Em 1665, o engenheiro João Rodrigues Mouro, foi nomeado para a Praça de Setúbal, à qual estavam dependentes as fortificações do litoral alentejano, até à data da reorganização militar na costa alentejana, no tempo da regência e reinado de D. Pedro II. Desde essa época, fora atribuída a Sines a categoria de Praça, cujo comando estava encarregue aos fortes de Milfontes e Pessegueiro²².



11. Pormenor Costa do Pessegueiro, Chermont e Correia da Mota, 1781/1790

Na sequência de um relatório sobre o mau estado de conservação do edifício e da sua nula eficácia militar, iniciou-se a campanha de obras na costa de Sines, liderada por João Rodrigues Mouro. Esta teve como intervenções a plataforma de Nossa Senhora das Salas ou Forte do Revelim, em Sines, e o forte de Milfontes



12. Planta da Ilha do Pessegueiro, João Gabriel de Chermont, 2ª metade do século XVIII

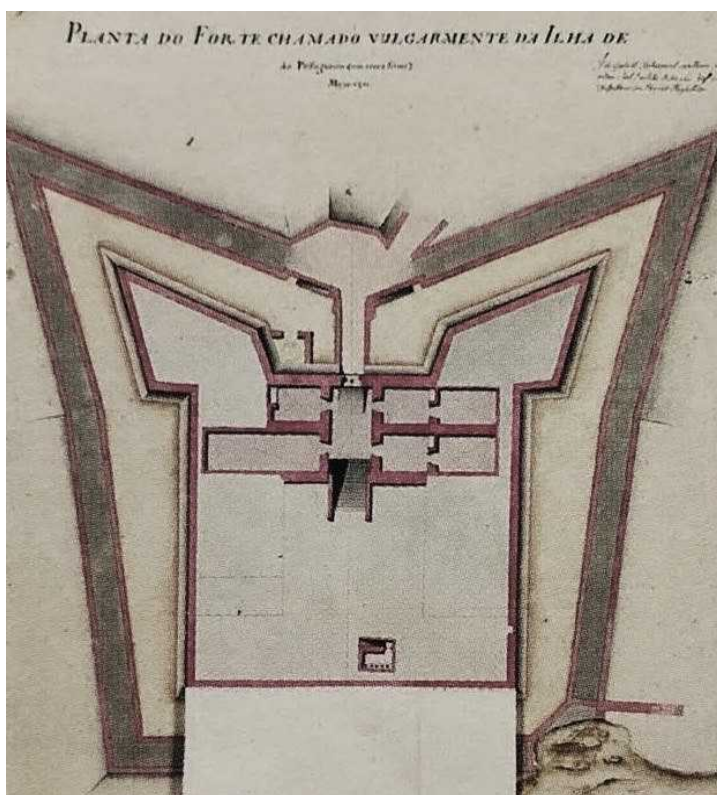
3.4.1 Forte do Pessegueiro

Não obstante, fora o Forte do Pessegueiro, também referido como Forte da Nossa Senhora da Queimada ou Forte da Ilha de Dentro, a maior obra levada a cabo nesse período. Devido ao estado de ruína em que se encontrava a antiga plataforma de Terzi e Massai, foi edificado um novo projeto para o mesmo local.

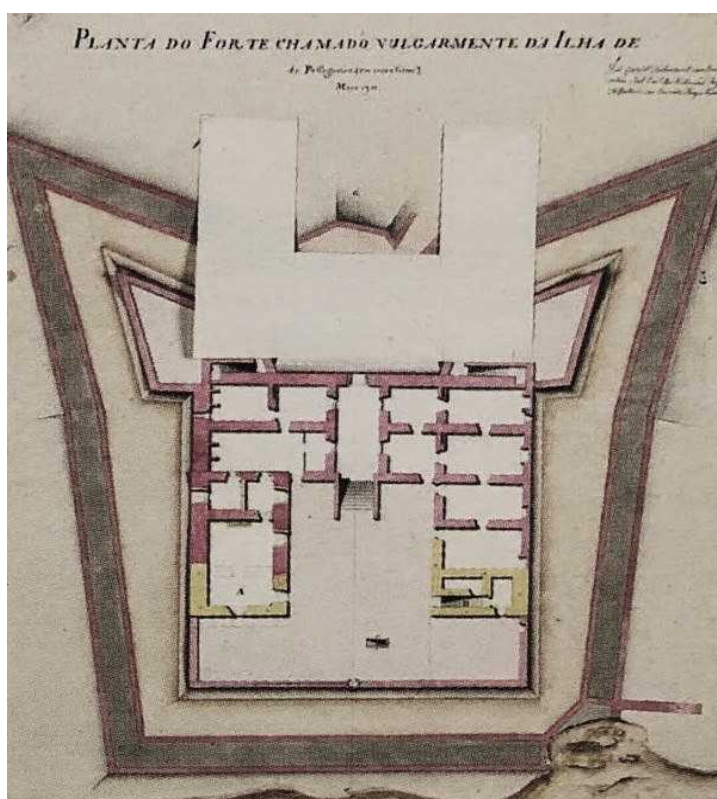
A planta de Mouro sofreu claras diferenças no desenho e escala relativamente à planta de Filipe Terzi. Tendo sido edificada sob influência do barroco, contrariamente às formas maneiristas de

²² QUARESMA, A. Martins –Alexandre Massai. *A escola italiana de Engenharia Militar no Litoral Alentejano*. Sines, Centro Cultural Emmerico Nunes, 2007. p. 35

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria

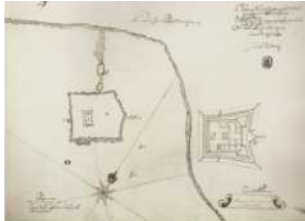


13. Planta Piso 0, Forte do Pessegueiro, com a utilização da técnica dos retalhos de papel rebatíveis, João Gabriel de Chermont, 1790



14. Planta Piso 1, Forte do Pessegueiro, com a utilização da técnica dos retalhos de papel rebatíveis. As diferentes cores figuram a obra de alvenaria existente (vermelho) e a que era necessário executar (amarelo). João Gabriel de Chermont, 1790

raiz italiana e, com uma escala bem mais realista, tendo em conta o contexto.



15. Desenho da Costa do Pessegueiro com planta do forte, João Rodrigues Mouro, 1693

3.5 Século XVIII - João Gabriel de Chermont e Diogo Correia da Mota

Após o terramoto de 1755, o sargento-mor João Gabriel de Chermont, foi enviado à costa alentejana por ordem do Marquês de Angeja, ministro de estado ao tempo de D. Maria I.

O seu intuito era o de fazer o levantamento demográfico e cartográfico de todas as fortificações da costa, assinalando os danos e as obras necessárias. Esse levantamento deu origem a um dos mais completos trabalhos cartográficos desta costa, assinados por o próprio Chermont e o ajudante Diogo Correia da Mota.

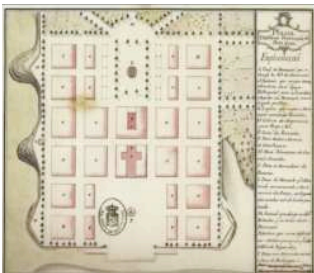


16. Plano da área de Porto Covo que se pretendia povoar e cultivar, Henrique Guilherme de Oliveira, c. 1789/ 1794

3.6 Finais Século XVIII- Jacinto Fernandes Bandeira e Henrique Guilherme de Oliveira

3.6.1 Povoação de Porto Covo

Em meados do século XVIII Porto Covo era uma pequena povoação litoral, com menos de cinco fogos contabilizados, que se destacava apenas por estar defronte à ilha do Pessegueiro onde, nos finais do século XVI, Filipe I havia projetado um porto marítimo²³.



17. Planta referente à urbanização da nova povoação de Porto Covo, Henrique Guilherme de Oliveira, c. 1789/ 1794

Seria em Porto Covo que, em 1792, iria nascer uma experiência urbanística de inspiração iluminista, pela iniciativa de um membro da alta burguesia mercantil, Jacinto Fernandes Bandeira. O seu empenho na criação de uma nova povoação portuária estava relacionado com a possibilidade de aproveitar o pequeno porto de Porto Covo para fazer sair por ali mercadorias do Litoral

²³ Catarina Oliveira, DGPC, Praça do Marquês do Pombal, Descrição Geral. Consultado em Setembro de 2019. Disponível em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/155367>

Alentejano, o trigo e outros cereais, o carvão, a lenha e por aí fora²⁴.

A planta da nova povoação foi desenhada pelo arquiteto Henrique Guilherme de Oliveira, que era proveniente de uma geração na qual os engenheiros militares haviam deixado de ser detentores exclusivos do planeamento urbano. O plano elaborado reflete à exaustão os princípios iluminados de uma nova escola prática portuguesa de urbanismo: a criação de raiz, o planeamento da povoação como um todo orgânico, a estrutura perfeitamente ortogonal da malha urbana, a definição funcional, a sua íntima e teórica relação com o sítio²⁵. Estas características fizeram deste projeto, um dos mais interessantes do iluminismo português, inspirado no modelo pombalino da baixa lisboeta.

No entanto, o plano não seria concretizado na sua totalidade, remanescendo, da intenção prévia, uma modesta praça com cerca de 20 fogos.

3.7 Século XIX- Fase de desativação das fortificações marítimas

No princípio do século XIX, o contexto internacional era de luta entre as potências Inglesa e Francesa, a invasão, pela fronteira espanhola, entre 1808 e 1811, puseram o País a “ferro e fogo”. Pelo facto de as principais intervenções militares terem lugar noutras áreas que não o litoral alentejano, levou à conseqüente desativação militar do forte. Outro fator que proporcionou essa desativação foi a desatualização da fortificação abaluartada, devido à transformação da forma de fazer guerra.

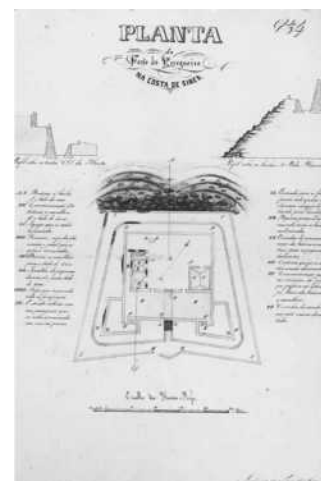
A partir de 1813 os fortes da Praça de Sines passaram a ser guarnecidos por uma companhia de Veteranos, a 5ª Companhia de Veteranos da Estremadura. A pequena guarnição de Veteranos estaria no forte do Pessegueiro até 1845, ano em que foi retirada, deixando apenas um soldado dessa mesma



18. Praça do Porto Covo, Jornal do Museu de Sines, anos 50 do século XX



19. Praça do Porto Covo, Jornal do Museu de Sines, anos 50 do século XX



20. Planta do Forte do Pessegueiro, António de Sousa de Menezes, 1856

²⁴ in QUARESMA, A. Martins- <<A ligação afectiva às terras aprofunda-se com o conhecimento>>. *Redes do Tempo*. Jornal do Museu de Sines: nº4, Janeiro 2011. p.4.

²⁵ Cit. por QUARESMA, A. Martins –Alexandre Massai. *A escola italiana de Engenharia Militar no Litoral Alentejano*. Sines, Centro Cultural Emmerico Nunes, 2007. p.43

companhia para guardar o edifício. No entanto, este, não impedia que no anual banho santo, o “banho do 29”²⁶, os camponeses acabassem por ocupar e pernoitar na velha fortaleza.

“Meia légua ao sul de Porto Covo existe uma fortaleza arruinada por dentro, mas ainda com menos má aparência exterior. Está desartilhada, e o seu solitário habitante é um soldado de veteranos.

No princípio de Setembro, se me não engano, faz-se aí uma vigília, que é concorrida dos arredores, e dos banhistas, que se albergam pelas velhas casernas da fortaleza, comunista, cínica e anarquicamente.

Oh! Que romaria!!!”²⁷



21. O banho 29 no Pessegueiro. Maria Alice Almeida e Silva, início do século XX

Em 1885, a Guarda-Fiscal, corpo designado a vigiar a linha costeira marítima e terrestre, explorou o forte do Pessegueiro como seu posto até ao ano de 1942, a partir do qual sucedeu o seu abandono.



22. O banho 29 no Pessegueiro. Maria Alice Almeida e Silva, início do século XX

²⁶ “No dia 29 de Agosto, em Sines e no Porto Covo, diz-se que o banho de mar nesse dia vale por 9. É uma tradição comum no sul do país e que terá origens pagãs. O dia 29 de Agosto, além de ser o dia de Nossa Senhora da Soledade, é também, segundo a tradição católica, o dia em que São João Batista foi degolado. Nesse dia, desde tempos imemoriais, as populações do interior vêm ao litoral com os seus animais, especialmente no sul do país.” in PATRÍCIO, Sandra- *O banho 29 no Porto Covo*. Documento do mês. Sines. Agosto de 2015, p.2. Consultado em Setembro de 2019. Disponível em http://www.sines.pt/cmsines/uploads/document/file/1578/2015-08_-_O_Banho_29_em_Porto_Covo.pdf

²⁷ Cit. por PEREIRA, Ricardo Estevam - *Ler a Paisagem. Um passeio por Sines, guiado pelos seus escritores*. Sines, Câmara Municipal de Sines, 2008, p.41

3.8 Século XX - A descoberta do litoral alentejano

Nos anos 70 do século XX, o tradicional banho desaparecia dos hábitos da praia do Pessegueiro, assim como de todas as outras praias.

Porém, nesse período verificava-se uma massificação do turismo e, os banhistas começaram a procurar a costa do litoral alentejano para banhos. Primeiro em Sines e, logo depois em Porto Covo, designadamente na praia do Pessegueiro. Alguns banhistas chegavam mesmo a acampar junto à fortaleza e usufruíam de uma praia e de uma paisagem recém-descoberta no litoral alentejano.

3.8.1 Os restauros de 1983 e 2008

Em 1983 iniciaram-se as vitais obras de beneficiação ao Forte do Pessegueiro, a cargo da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN). As intervenções realizadas segundo a descrição de Isabel Mendonça no Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA) foram as seguintes: “paramentos exteriores do baluarte esquerdo e da zona central, na zona da porta de entrada; reconstrução de zonas ruídas ou em risco de desprendimento (refechamento de juntas, reutilização de blocos de cantaria soltos)”²⁸.

Contudo, terminada a campanha de obras dos anos 80, o forte foi novamente esquecido. E como o esquecimento traz consigo a degradação, duas décadas mais tarde, precisamente no ano de 2008, por via de uma parceria entre o Instituto de Conservação da Natureza e da Biodiversidade e o Município de Sines, o forte beneficiou de diversos arranjos. A obra incluiu a estabilização do talude junto à fortaleza e, na própria, reforço estrutural e recuperação de tetos, paredes, pavimentos e terraços.



23. Postal aguarelado da praia de Sines, meados do século XX



24. Postal ilustrado do Forte do Pessegueiro. Francisco Más Editores e Artes Gráficas, finais da década de 70 ou inícios da década de 80, do século XX

²⁸ MENDONÇA, Isabel-, *Forte do Pessegueiro- Portugal, Setúbal, Sines, Porto Covo*, IPA.00004092, SIPA. Consultado em Setembro de 2019. Disponível em http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4092

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria



25. Vista do lado Sul Forte do Pessegueiro. DGEMN, c.1970



26. Vista do lado Sul do Forte do Pessegueiro, Ana Carolina Pereira, 2019

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria



27. Vista da praça baixa do Forte do Pessegueiro. DGEMN, c.1980



28. Vista da praça baixa do Forte do Pessegueiro, Ana Carolina Pereira, 2019

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria

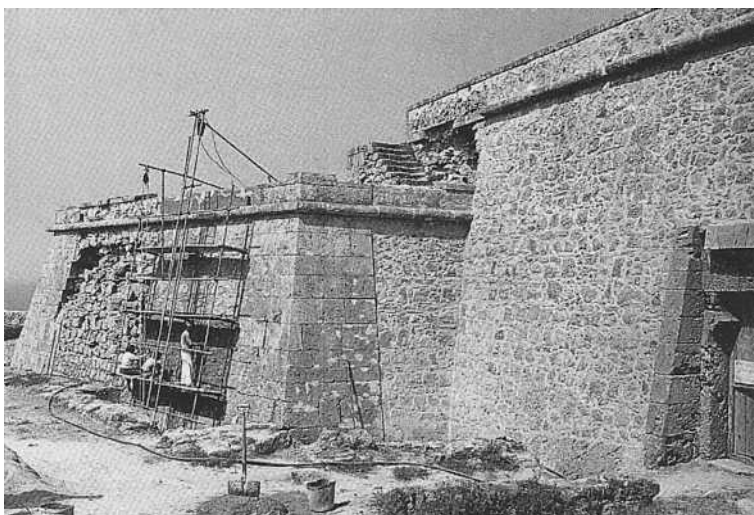
29. Obras de reconstrução de toda a parede da ala Sul. DGEMN, 1986



30. Ala Sul do Forte do Pessegueiro, Ana Carolina Pereira, 2019



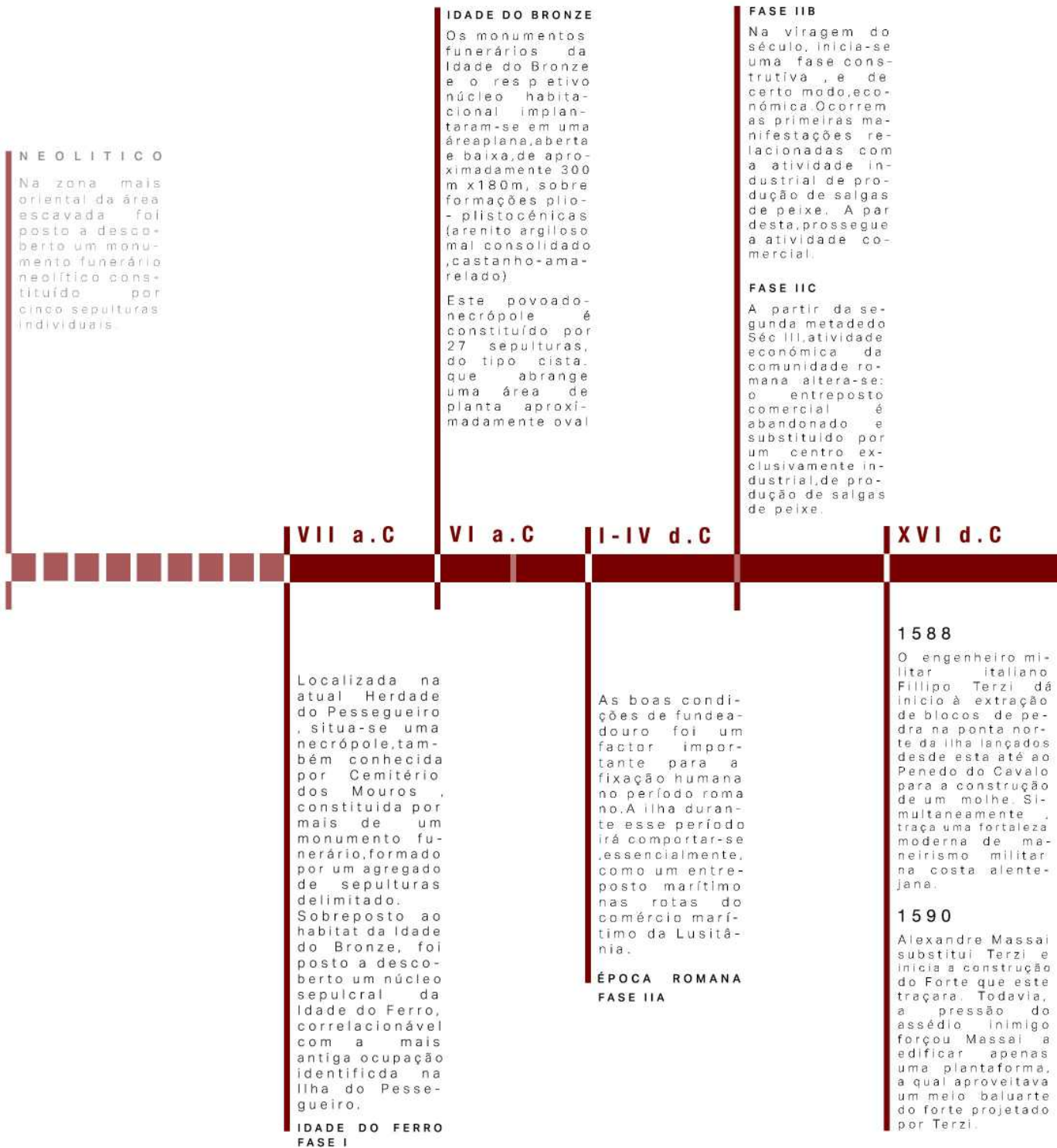
O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria



31. Arranjo da face do baluarte Sul.
DGEMN, 1983



32. Vista do baluarte Sul e portal do
Forte do Pessegueiro. Ana Carolina
Pereira, 2019



O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO

Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria

Na ilha do Pessegueiro, os governadores do Reino deram ordem para a construção de um pequeno forte denominado forte de Santo Alberto ou forte da Ilha de Fora.

1598

O projeto do Pessegueiro é interrompido pela necessidade de deslocação de Massai a Vila Nova de Milfontes, para a construção do forte de defesa da barra do Rio Mira.

XVII d.C

1755

O terramoto danifica a capela e as baterias sobre as caramatas do forte do Pessegueiro.

1792-1794

O plano urbanístico da nova povoação de Porto Covo foi impulsionado por Jacinto Fernandes Bandeira e a planta de inspição iluminista, desenhada pelo arquiteto Henrique Guilherme de Oliveira.

XIX d.C

1957

O decreto nº41 191, I Série, nº162, de 18-07-1957, classificou o forte do Pessegueiro, incluindo a ilha do mesmo nome como IIP- Imóvel de Interesse Público.

1979

Uma tempestade põe em evidência as ruínas romanas da Ilha do Pessegueiro.

1980

Realizados estudos arqueológicos na ilha do Pessegueiro pelo Grupo de Trabalhos de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines e prosseguidos pela Unidade de Arqueologia do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina.

XX d.C

2008

Por via de uma parceria entre o Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade e o Município de Sines, o forte do Pessegueiro beneficiou de vários arranjos.

2013

Criada a Associação para a promoção do Turismo de Natureza na Costa Alentejana e Vicentina, entidade responsável pelo projeto da Rota Vicentina.

XXI d.C

1606

Iniciado o plano para a Calheta de Sines, da autoria de Turriano.

1680-1688

Estabelecida a paz com Espanha, foi lançada uma campanha de obras na costa alentejana sob a direção de João Rodrigues Moura. Em Sines, edificou o pequeno forte de Nossa Senhora das Salas ou forte do Revelim. No Pessegueiro, na antiga bateria arruinada, construiu o forte do Pessegueiro ou o forte de Nossa Senhora da Queimada. No forte de Milfontes realizou obras na sequência de um relatório de mau estado de conservação do edifício.

XVIII d.C

1885-1942

Posto da Guarda Fiscal, destinado a vigiar a linha de fronteira marítima e terrestre.

1983

Iniciou-se obras de beneficiação, a cargo da Direção dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN).

1988

O decreto-lei nº241/88, de 7 de julho cria a Área de Paisagem Protegida do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina.

1995

O decreto regulamento nº26/95, de 21 de setembro cria o Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina que inclui uma área marinha adjacente.





4.

TERRITÓRIO E LUGAR

34. Costa do Pessegueiro/ Porto Covo vista de norte. Ana Carolina Pereira, 2018

4.1 A costa do sudoeste alentejano

4.1.1 De Sines a Vila Nova de Milfontes

A área de estudo desta intervenção insere-se na orla litoral do Sudoeste alentejano, de superfície arenosa que assenta sobre base xistosa. A última, geologicamente muito mais antiga, remontando ao Paleozóico. Era geológica situada entre 570 e 245 milhões de anos antes do presente. A extensa faixa litoral constituída por formações talhadas em arriba fortemente escarpada e, cuja altura tende a aumentar para sul, formou-se no Plioceno, época compreendida entre 5.3 e 1.6 milhões de anos antes do presente, aquando das oscilações do nível das águas marinhas, relacionadas com fases climáticas (glaciações e interglaciações). A estas oscilações precederam, de forma cíclica, avanços (transgressões) e recuos (regressões) do mar, que formaram o extenso depósito sedimentar.



35. Cabo de Sines, Calheta, século XX



36. Enxada do Porto Covo, século XX



37. Canal entre o forte e a ilha, visto da ilha do Pessegueiro, século XX



38. Vila Nova de Milfontes vista da margem sul do rio Mira, século XX

O troço de costa, de Sines a Vila Nova de Milfontes, apresenta notáveis acidentes que contrastam com o contorno regularizado com escassas reentrâncias da plataforma litoral do sudoeste de Portugal, desde o cabo e da baía de Sines à pequena enseada do Porto Covo e ilha do Pessegueiro até à foz do Mira. Graças à singularidade do oceano atlântico, marcado por ondulações fortes e ventos dominantes de quadrante norte, e à natural configuração geográfica da costa alentejana, que a torna um ponto de abrigo, estes locais reuniam as condições ideais para a implantação de estruturas e de estabelecimentos de tipo portuário.

O cabo de Sines, com origem no maciço eruptivo, abriga um recesso costeiro, defendendo-o dos ventos de norte. Sendo neste local enigmático que se encontra a baía de Sines, contornada parcialmente por uma praia de areia e um alcantilado, no cimo do qual se desenvolveu a povoação de Sines. Mais a Sul, desde a pequena enseada do Porto Covo, aberta na arriba de xisto, até ao Pessegueiro, existe uma elevada quantidade de dunas fósseis, que dão lugar a bancadas de arenito, agregado por carbonato de cálcio. A própria ilha do Pessegueiro, é uma

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria



Legenda:
1. Forte de Nossa Senhora das Salvas
2. Castelo de Sines

3. Forte da Ilha do Pessegueiro
4. Forte do Pessegueiro
5. Forte de São Clemente

39. Ortofotomapa da costa do litoral alentejano- de Sines a Vila Nova de Milfontes

duna consolidada que o mar cercou, precisamente no último regressivo wurmiano, quando o nível do mar atingiu 120 metros abaixo do atual, originando um dos raros exemplos de enclaves de ilha costeira existentes no litoral português. Do Pessegueiro a Vila Nova de Milfontes a arriba abaixa e afunda progressivamente na praia dos Aivados terminando na foz do rio Mira, cuja embocadura interrompe a uniformidade da escarpa costeira.

O clima, apesar de mediterrânico, é vincadamente influenciado pelo oceano que o banha, uma vez que este é o grande regulador da atmosfera. As pequenas amplitudes térmicas verificadas ao longo da costa litoral, devem-se à ação moderadora do oceano, diferenciando-as extraordinariamente do interior. Não sendo um clima caracterizado por pluviosidade especialmente abundante, a humidade relativa do ar, acaba por contrabalançar essa falta. A interferência oceânica faz-se sentir ainda no tipo de vegetação natural da planura litorânea, cuja tendência para o porte rasteiro deriva da ação química da salsugem transportada pelos ventos maresiros.

A costa alentejana, caracterizou-se pela escassez de povoamento, apresentando aglomerados populacionais pequenos, relativamente distantes entre si, tradicionalmente associados à atividade piscatória. Como exemplo temos o caso de Sines e Milfontes, concelhos em 1362 e 1486, respetivamente e de Porto Covo, freguesia em apenas 1984. Passados quase 700 anos, ainda se mantém como uma área em regressão demográfica com baixa densidade populacional, no entanto, sazonalmente beneficiada de um aumento populacional induzido pela atividade turística.

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria



40. Entrada da angra do Porto Covo, Ana Carolina Pereira, 2018



41. Baía de Sines. Ana Carolina Pereira, 2018

4.2 O Reconhecimento do Território

4.2.1 Costa do Pessegueiro

A área da proposta de intervenção incide sobre a ilha do Pessegueiro e a faixa de costa defronte da mesma, que pertence hoje à freguesia de Porto Covo e concelho de Sines. O seu reconhecimento pelo meio do levantamento e registo é um procedimento fundamental para conhecer, compreender os limites e a identidade da área a intervir. Um novo conhecimento e complemento ao que fora anteriormente adquirido através da cartografia e de leituras sobre o lugar.

Nesse sentido, no dia 17 de novembro de 2018, foram percorridos pela autora dois percursos pedestres: o Trilho dos Pescadores e o Caminho Histórico. Ambos integrados na Rota Vicentina²⁹, palco para os audaciosos e curiosos que se aventuram a percorrer esta rede de percursos pedestres no sudoeste do território continental português.

O primeiro percurso remete a um trilho de 226,5 km ao longo do limite da linha costeira, “onde a terra se acaba e o mar começa”³⁰. Visivelmente demarcado pelo frequente uso dos locais para acesso às praias escavadas na rocha e, maioritariamente, por pesqueiros que deram nome ao trilho.

O segundo, intitulado Caminho Histórico, é como o próprio nome indica um percurso com vários séculos de história que, contrariamente ao percurso anterior, é constituído por caminhos maioritariamente rurais. Desses evidencia-se uma paisagem de contrastes, entre a rudeza selvagem e a planura litoral numa extensão total de 263 km. Ademais foi distinguido com a Certificação Europeia “Leading Quality Trails- Best of Europe”³¹. Colocando-o num dos melhores destinos da Europa.

De cada percurso referido anteriormente foi somente percorrido o

²⁹ Rota Vicentina. Consultado em Novembro de 2018. Disponível em <https://rotavicentina.com/>

³⁰ RIBEIRO, Orlando - *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico: Esboço de relações geográficas*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora. 1963. p.158

³¹ Certificação entregue pela European Ramblers Association em Fevereiro de 2016. Consultado em Novembro de 2018. Disponível em <https://www.era-ewv-ferp.org/lqt/>

troço inserido na área de intervenção, compreendido entre o porto de Porto Covo e o Forte do Pessegueiro. Uma viagem que se prolongou num total de 2 horas ao longo de 6 km e que possibilitou o registo fotográfico sequencial, através do qual torna-se possível para o leitor ter uma imagem continua de toda a envolvente patrimonial e paisagística no qual o presente projeto se insere.

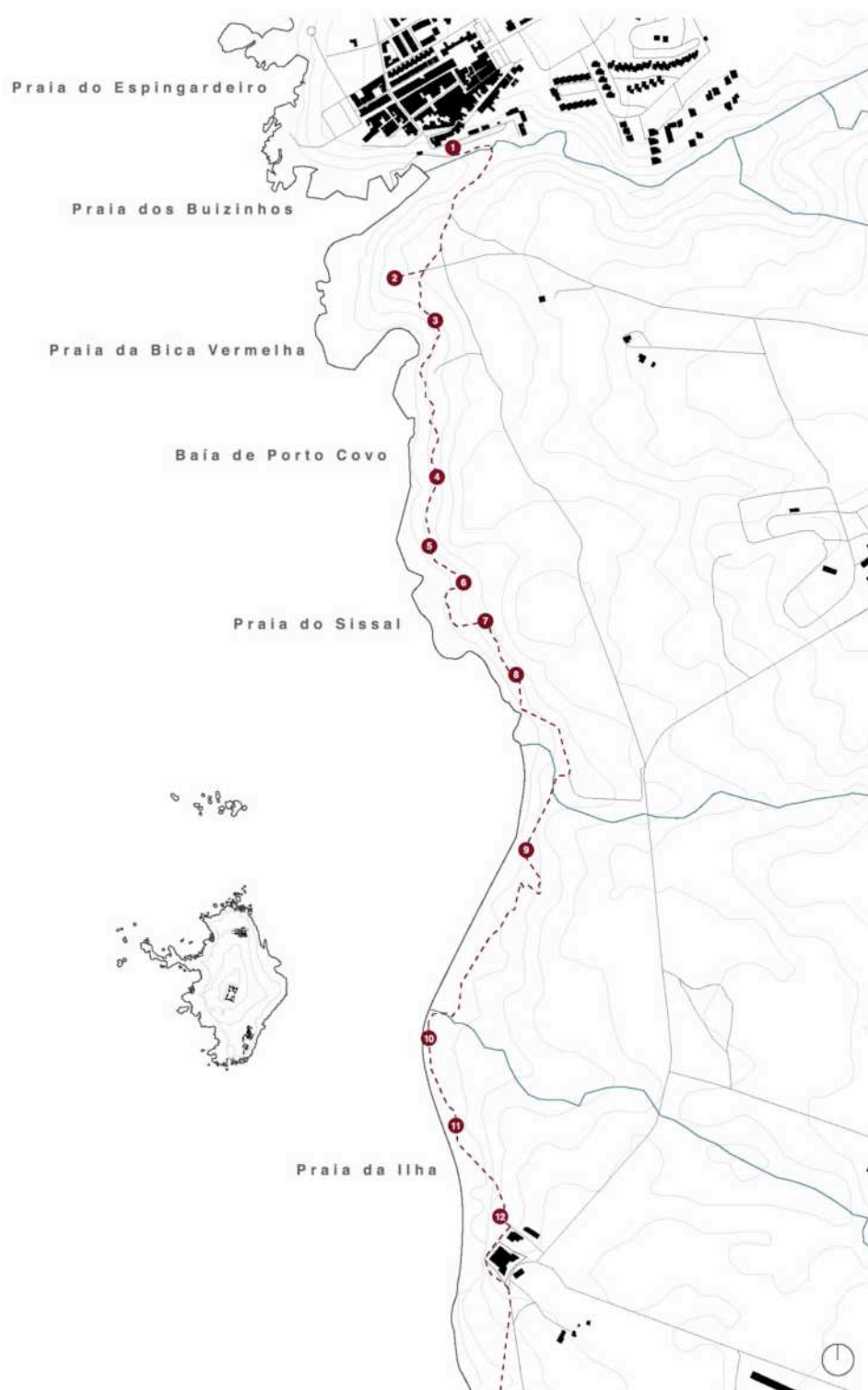
4.2.2 Ilha do Pessegueiro

Com o mesmo intuito, no dia 20 de julho de 2019 foi realizado pela autora uma viagem de barco até à Ilha do Pessegueiro³². A saída para o mar teve início no porto marítimo de Porto Covo, a bordo da embarcação “Novo Horizonte” e ao comando do Mestre Matias, que fora pescador dos mares do Norte durante 20 anos.

Após o embarque e à medida que a embarcação se afastou da Baía de Porto Covo, em direção ao oceano, o mar tornou-se progressivamente mais agitado. No decurso da viagem a distância ao território possibilitou um olhar vasto e contínuo de todo o conjunto, que é o protagonista deste projeto. Quando finalmente a embarcação entrou no canal da ilha costeira, houve uma acalmia do mar, comprovando as análises previamente estabelecidas, adquiridas através da leitura de textos e cartografias, que apontavam este canal como tendo boas condições de fundeadouro natural, aproveitando o abrigo da ilha costeira. Por fim, o Mestre Matias atracou na ilha. A partir desse momento deu início à visita guiada por todos os pontos de interesse, mediante o conhecimento que adquirira ao ter assistido ao levantamento arqueológico da fábrica de salga romana em 1980. Terminada a viagem sobre a história enigmática da Ilha, procedeu-se ao regresso ao porto de pesca de Porto Covo, segundo uma rota semelhante à anterior.

³² Visitas Guiadas à Ilha do Pessegueiro. Consultado em Julho de 2019. Disponível em <http://www.jf-portocovo.pt/pages/443>

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria



42. Mapa de Síntese Fotográfica, Trilho dos Pescadores, Rota Vicentina

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria



1



2



3



4



5



6



7



8



9



10



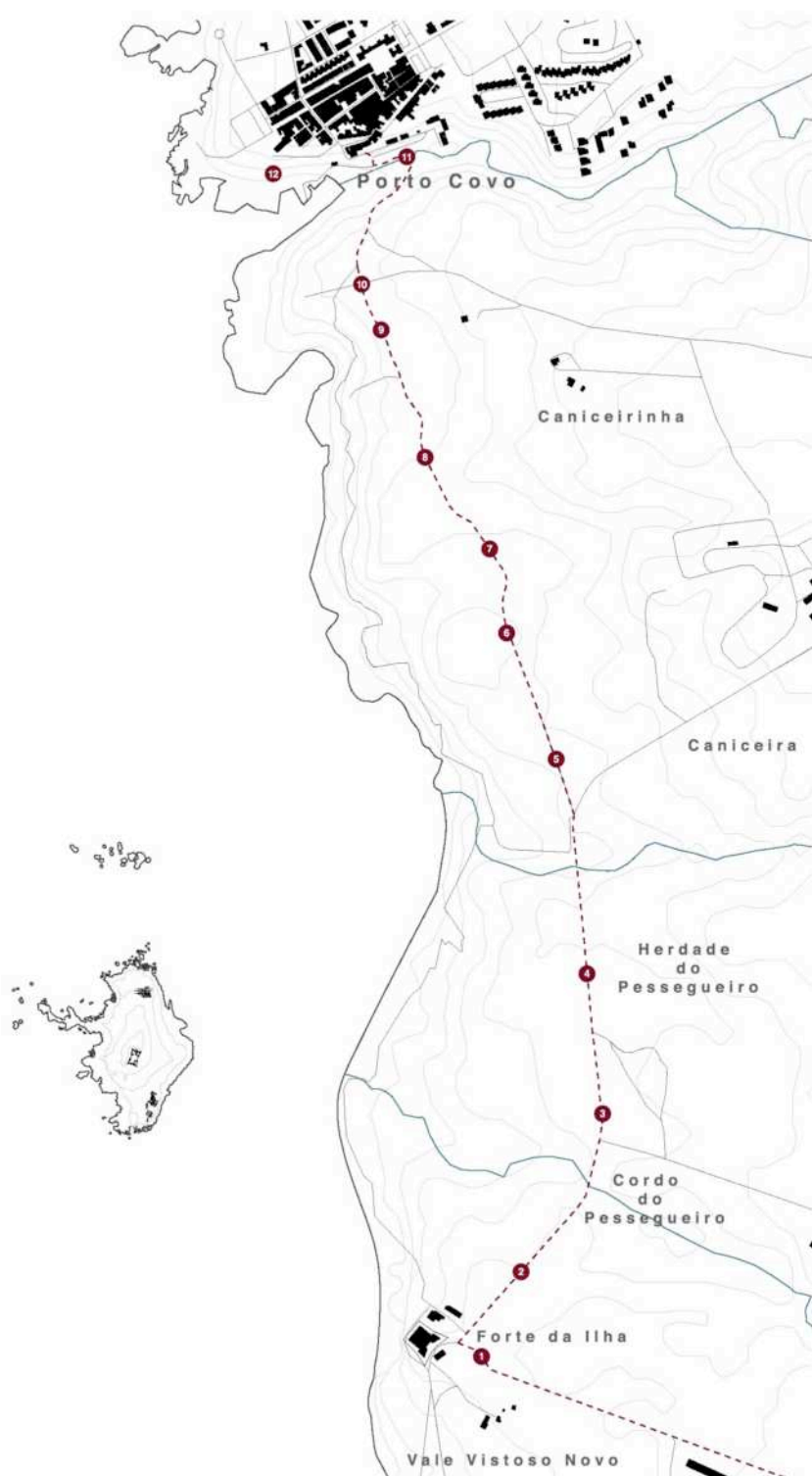
11



12

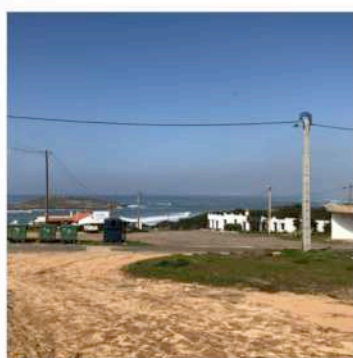
43. Fotografias sequenciais do Trilho dos Pescadores, Rota Vicentina, Ana Carolina Pereira, 2018

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria

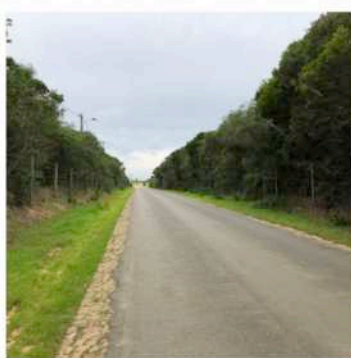


42. Mapa de Síntese Fotográfica,
Caminho Histórico, Rota Vicentina

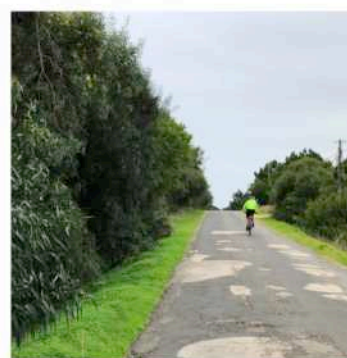
O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria



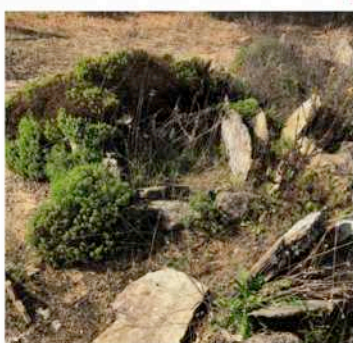
1



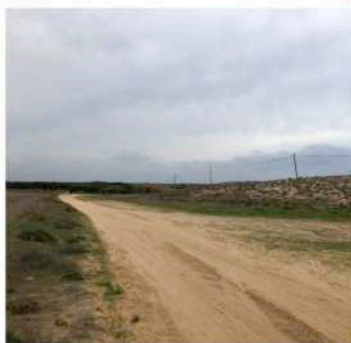
2



3



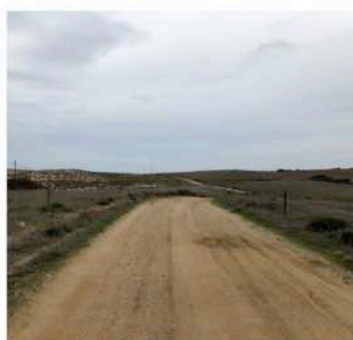
4



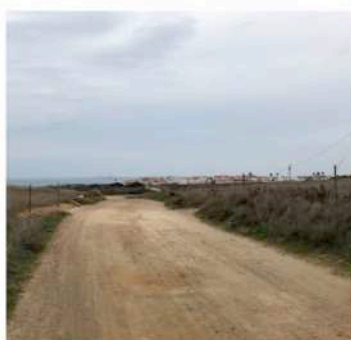
5



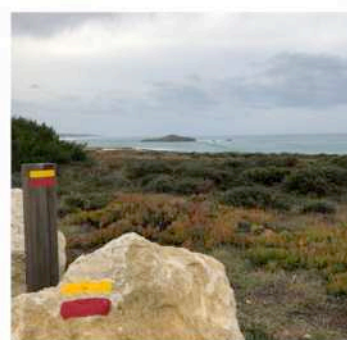
6



7



8



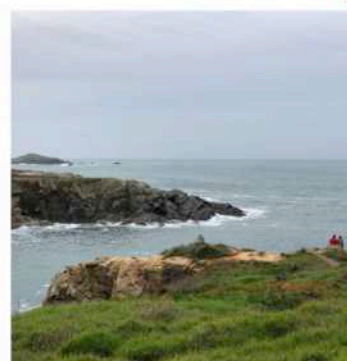
9



10



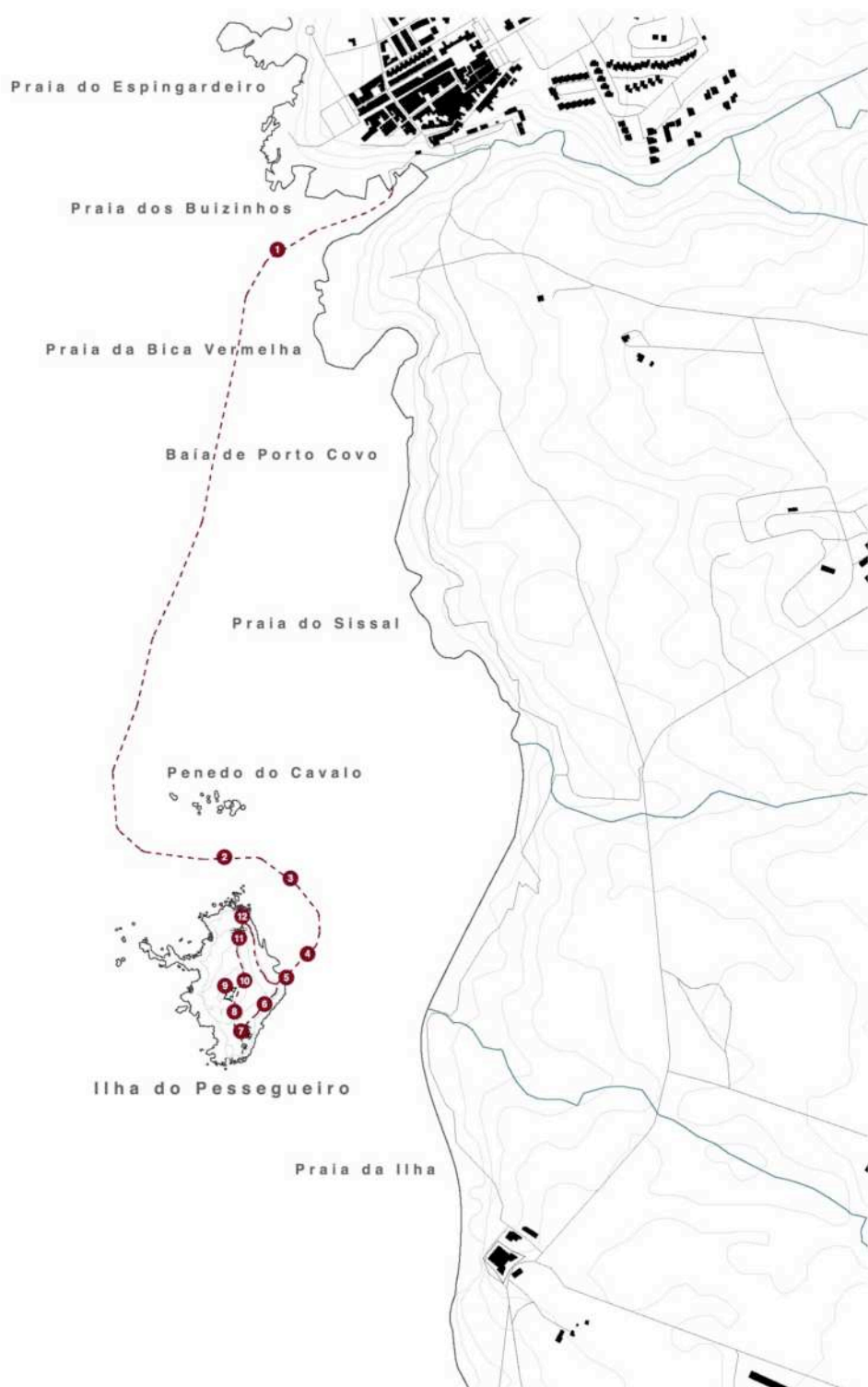
11



12

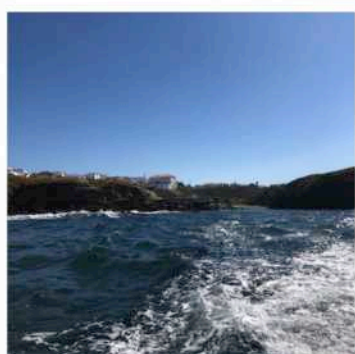
43. Fotografias sequenciais do Caminho Histórico, Rota Vicentina, Ana Carolina Pereira, 2018

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria

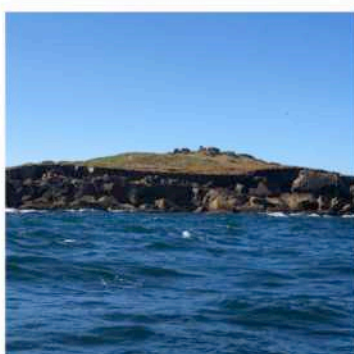


44. Mapa de Síntese Fotográfica, Visita à Ilha do Pessegueiro

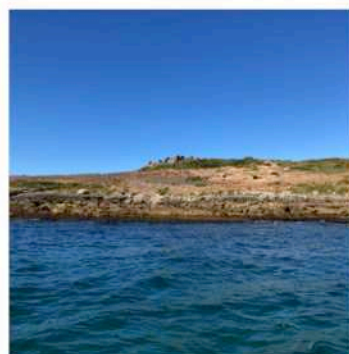
O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria



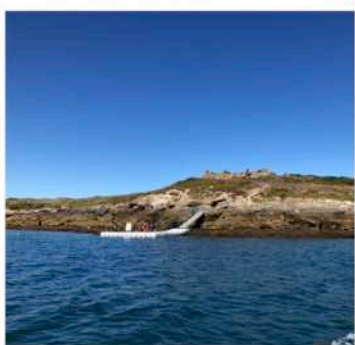
1



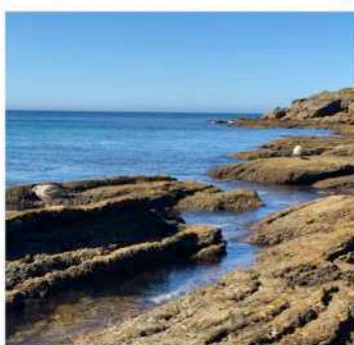
2



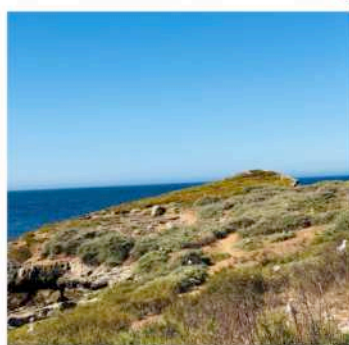
3



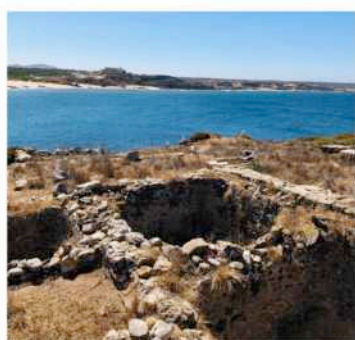
4



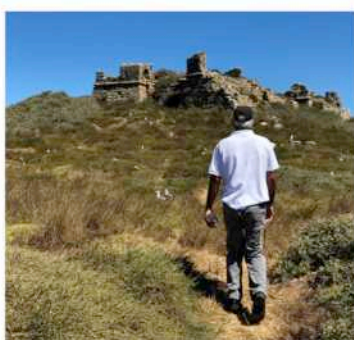
5



6



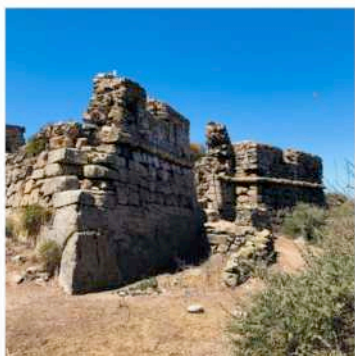
7



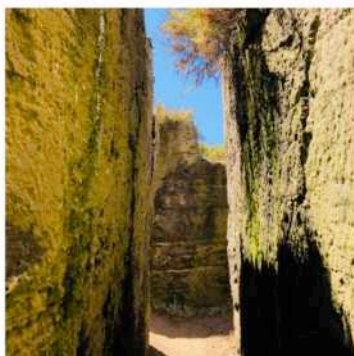
8



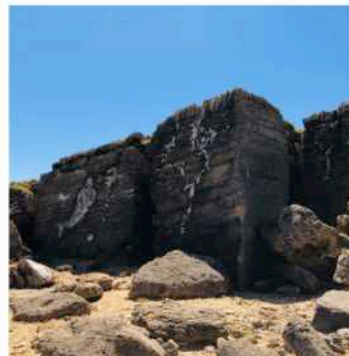
9



10



11



12

45. Fotografias sequenciais da visita à Ilha do Pessegueiro, Ana Carolina Pereira, 2019

4.3 O Levantamento cromático

4.3.1 Amostras recolhidas do local

Amostra 1



46. Localização da imagem 47. Cimo da arriba.



47. Amostra areia.

Amostra 2



48. Localização da imagem 49. Praia do Pessegueiro.



49. Amostra areia.

Amostra 3



50. Localização da imagem 51- Arriba.



51. Amostra óxido de ferro.

Amostra 4



52. Localização da imagem 53- Interior da chaminé de um dos compartimentos do Forte



53. Amostra tijolo cerâmico.

Amostra 5



54. Localização da imagem 55- Pavimento praça baixa do Forte do Pessegueiro.



55. Amostra pedra calcária.

Amostra 6



56. Localização da imagem 57- Parede de um dos compartimentos do Forte do Pessegueiro.



57. Amostra reboco.

Amostra 7
Amostra 8



58. Localização das imagens 59 e 60- Muro junto ao Forte do Pessegueiro.



59. Amostra argamassa.



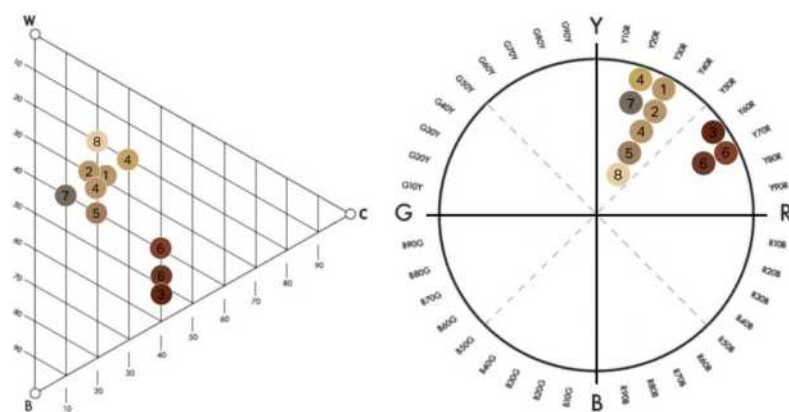
60. Amostra pedra arenítica.

O levantamento cromático incidu sobre as amostras recolhidas, no dia 2 de Novembro de 2019, com base nos materiais e revestimentos de maior relevância histórica e relevância pela sua extensão no Pessegueiro. Nomeadamente, areias, rebocos, argamassas, pedras arenítica e calcária e tijolos cerâmicos. Desta forma, a codificação foi tirada do natural, pois a observação das amostras recolhidas no local é totalmente diferente das cores observadas através da fotografia.

A análise das amostras foi efetuada em laboratório com a ajuda do Professor João Pernão. Para esta análise foi utilizada uma caixa de luz calibrada da Pantone, com uma iluminação D50, iluminante standard das normas CIE e um conjunto de amostras de cor NCS Index que, por conseguinte, codificam a cor de acordo com o NCS (Natural Colour System).

O levantamento cromático permitiu determinar que existe uma constante presença do plano de cor Y30R. Desde a cor das areias, à pedra arenítica e consequentemente ao reboco e argamassa que utilizaram a areia do próprio local. No que diz respeito à argila do tijolo é um amarelo com 70% (Y70R) de vermelho e o óxido de ferro com 60% (Y60R). Relativamente ao valor, as areias e as pedras encontram-se entre os 20% e os 40% de preto. Também se constata que a argamassa tem 30% de preto, mais 10% que o reboco, por este ter mais cal que o primeiro. A argila do tijolo assim como o óxido de ferro, são um pouco mais escuros que os anteriores e por isso entre os 40% e 50% de preto.

61. Análise Laboratorial. 1 - Amostra 1; 2 -Amostra 2; 3 - Amostra 3; 4 -Amostra 4; 5 - Amostra 5; 6 -Amostra 6; 7 - Amostra 7; 8- Amostra 8.



No que refere à intensidade da cor a pedra calcária tem apenas 10% de cromatismo, enquanto a pedra arenítica tem 20% juntamente com o reboco e a argamassa. Em relação às areias, os valores de saturação estão entre os 20% e 30%, sendo o óxido de ferro um pouco mais cromático com uma percentagem de 40%, juntamente com a argila do tijolo. Por último, a partir da análise do levantamento cromático é possível firmar que existe uma harmonia cromática identitária no Pessegueiro.

4.4 A Fortificação Costeira do Litoral Alentejano

4.4.1 Forte do Pessegueiro



62. Planta piso 1, com principais partes constituintes do Forte do Pessegueiro

Legenda.

Trânsito; Quartos, paiol, casa da palamenta, paiol, cozinha do rancho;
Ermida de Nossa Senhora da Queimada; Escadas exteriores para a praça alta; 1. Baluarte norte; 2. Baluarte sul; 3. Flanco do baluarte; 4. Face do baluarte; 5. cortina; 6. Ponte levadiça; 7. Praça de armas; 8. Curto redente; 9. Caminho coberto; 10. Contra-escarpa; 11. Fosso; 12. Praça baixa; 13. Entrada para latrinas;





63. Portal do Forte do Pessegueiro. Ana Carolina Pereira, 2019



64. Trânsito do Forte do Pessegueiro. Ana Carolina Pereira, 2019

As características geográficas, geológicas e topográficas deste território ímpar estão em clara simbiose com as obras humanas, nele construídas. O sistema fortificado do Pessegueiro, aproveitou e transformou essas mesmas características a partir de pontos privilegiados da paisagem e na estratégia militar, para melhorar a segurança da costa e da navegação. A sua localização estratégica no território permitia defender o ancoradouro, da mesma maneira que, assegurava uma melhor cobertura defensiva em estreita relação com outras fortificações da costa alentejana. Justamente, com Sines, 15 km a norte e, com Vila Nova de Milfontes, 12 km a sul.

O Forte do Pessegueiro, em conjunto com o Forte da Ilha, marca e caracteriza a paisagem da costa alentejana. Construído sobre bancada de arenito e adaptado à configuração do terreno, o Forte do Pessegueiro, obedecia a uma fortificação em porto mar, conforme o tratado de fortificação português, do princípio do século XVIII. De planta poligonal, com duas baterias, uma baixa e outra alta, viradas para o mar numa ampla frente de fogo. Cada uma dispunha de uma guarita. A fortificação é composta por dois baluartes triangulares virados para terra, que permitiam o fogo cruzado e a anulação dos ângulos mortos. Solução que dava resposta à possibilidade de ocorrerem ataques vindos do continente, fosse por ataques provenientes do mar que desembarcassem fora do alcance do tiro do forte ou por qualquer arremetida terrestre. Protegendo assim a entrada a nascente do forte, que também era defendida por um curto redente, com uma pequena praça de armas a que se segue a ponte levadiça, em madeira, sobre o fosso parcialmente escavado na rocha, até ao portal.

A entrada é feita pelo piso térreo, onde existe uma passagem, denominada, trânsito, de duplo pé direito, ladeado por quatro compartimentos onde possivelmente se situava a casa da guarda. No piso superior, a praça baixa, é constituída por duas alas, que integram os quartéis, a casa da palamenta, o paiol, cozinha do rancho e a capela. A última, é o único compartimento identificado, através da cartografia existente do forte e pelo vestígio de uma pia de água benta partida. Todos os compartimentos são intercomunicantes, equipados com lareira e cobertos por abóbadas de berço. O acesso à praça alta é feito por uma escada interior, que serviria sobretudo para se postarem defensores com armas individuais, arcabuzes ou mosquetes.

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria



65. Vista a partir do baluarte Sul do Forte do Pessegueiro. Ana Carolina Pereira, 2019



66. Vista a partir da praça alta para a praça baixa do Forte do Pessegueiro. Ana Carolina Pereira, 2019



67. Vista da praça alta. Ana Carolina Pereira, 2019

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria



68 e 69. Interior, primeiro piso do Pessegueiro. Ana Carolina Pereira, 2019



70. Interior, primeiro piso do Forte do Pessegueiro. Ana Carolina Pereira, 2019

4.5 Classificação, medidas de proteção e os intervenientes

A costa Sudoeste compreende a costa atlântica entre a região do Alentejo (Concelho de Sines e Odemira) até à região do Algarve (Concelho de Aljezur e Vila do Bispo). A linha de costa é caracterizada, de modo geral, por arribas elevadas, cortadas por barrancos profundos, pequenas praias, ribeiras e linhas de água temporárias, estuários e sapais que acolhem uma grande variedade de habitats responsável pela sua riqueza florística e faunística. Ademais é um dos últimos e mais notáveis trechos de litoral selvagem da Europa do Sul, com amplas extensões, pouco adulteradas pelas atividades e construções humanas, que beneficiam da baixa densidade demográfica, com gradual pressão antrópica. Ao valor natural e paisagístico descrito, acresce um património histórico, arqueológico e cultural também expressivo no contexto nacional e local.



71. Concelhos que figuram o Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina

Atendendo a estas qualidades territoriais e paisagísticas, foi criada a Área de Paisagem Protegida do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina³³, de modo a assegurar que os valores naturais, paisagísticos e culturais da costa Sudoeste fossem salvaguardados da ameaça de uma maior ocupação e utilização do território de forma desequilibrada. Esta classificação seria do interesse das Câmaras Municipais da região (Câmaras Municipais de Sines, Odemira, Aljezur e Vila do Bispo) e, por conseguinte, coube às mesmas a sua administração em conjunto com outras identidades e sob a coordenação do Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza (SNPRCN).

Posteriormente, verificou-se que a defesa das características únicas da zona litoral do Sudoeste de Portugal, deveria ultrapassar o estrito âmbito municipal. Essa aceção originou a reclassificação em Parque Natural e a criação do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina (PNSACV)³⁴.

³³ Decreto-Lei n.º 241/88, de 7 de julho. Consultado em Fevereiro de 2019. Disponível em <https://dre.pt/application/conteudo/373399>

³⁴ Decreto Regulamentar nº 26/95, de 21 de setembro. Consultado em Fevereiro de 2019. Disponível em <https://dre.pt/application/conteudo/566668>

O Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina figura a Rede Nacional de Áreas Protegidas (RNAP) geridas pelo Instituto de Conservação da Natureza e da Biodiversidade (ICNB). A RNAP é composta por um Plano de Ordenamento de Áreas Protegidas que estabelece a política de salvaguarda e conservação a adotar.

O Plano de Ordenamento do PNSACV³⁵ constitui as áreas prioritárias sujeitas a regime de proteção de diferentes níveis, definidos consoante a importância dos valores biofísicos e respetiva sensibilidade ecológica. Assim como, institui as áreas de intervenção específica que compreendem espaços com valor patrimonial, natural ou cultural, que carecem de valorização, salvaguarda, recuperação, reabilitação ou reconversão. Entre estas áreas encontra-se o Forte do Pessegueiro e a ilha do mesmo nome, classificados como Imóvel de Interesse Público (IPP)³⁶ e a posteriori abrangido ao Forte da Ilha de Dentro³⁷.

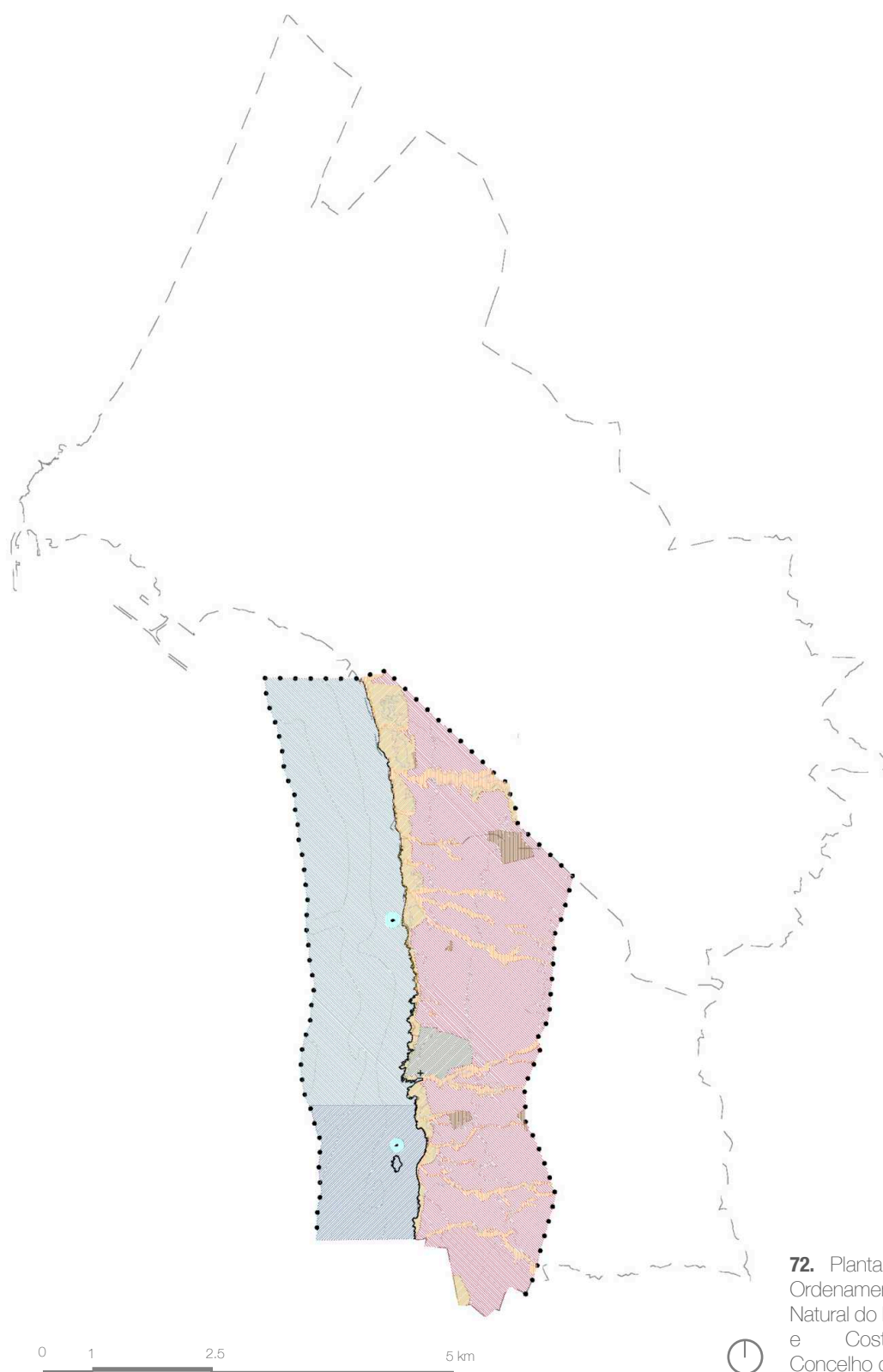
³⁵ Resolução do Conselho de Ministros n.º 11-B/2011. Consultado em Fevereiro de 2019. Disponível em <https://dre.pt/application/dir/pdf1sdip/2011/02/02501/0003100067.pdf>

³⁶ Decreto n.º 41 191, DG, I Série, n.º 162, de 18-07-1957. Consultado em Fevereiro de 2019. Disponível em <https://dre.pt/application/dir/pdf1s/1957/07/16200/07340735.pdf>

³⁷ Decreto n.º 735/74, DG, I Série, n.º 297, de 21-12-1974. Consultado em Fevereiro de 2019. Disponível em <https://dre.pt/application/dir/pdf1s/1974/12/29700/16041606.pdf>

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO

Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria



72. Planta do Plano de Ordenamento do Parque Natural do Litoral Alentejano e Costa Vicentina- Concelho de Sines

- Legenda.**
- + Sede de freguesia
 - Limite de concelho
 - Limite do PNLACV
- Regime de Proteção**
- Área Terrestre:** ■ Proteção parcial I; ■ Proteção parcial II;
■ Proteção complementar I; ■ Proteção complementar II;
■ Área não sujeita a proteção
- Área Marinha e Fluvial:** ■ Proteção total; ■ Proteção parcial;
■ Proteção complementar





5. VALORES DO LUGAR

“Marco Polo descreve uma ponte, pedra a pedra.

- Mas qual é a pedra que sustém a ponte? – Pergunta Kublai Kan.

- A ponte não é sustida por esta ou aquela pedra – responde Marco, - mas sim pela linha do arco que elas formam.

Kublai Kan permanece silencioso, refletindo. Depois acrescenta: - Porque me falas das pedras? É só o arco que me importa.

Polo responde: - Sem pedras não há arco.³⁸

73. Vista para Norte a partir do Forte da Ilha do Pessegueiro. Ana Carolina Pereira, 2019

³⁸ CALVINO, Italo- *Cidades Invisíveis*. Lisboa: Editorial Teorema. 2008

5.1 Autenticidade e Integridade

A procura de uma definição de autenticidade faz parte do debate teórico desde o estabelecimento da restauração enquanto disciplina baseada nos princípios defendidos por John Ruskin e, prolongou-se durante séculos.

A partir de 1978, um dos marcos da discussão sobre o conceito de autenticidade foi a exigência da United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), de um *teste de autenticidade* “em adição [ao valor universal excecional]”³⁹ para a candidatura de um bem na Lista do Património Mundial.

Outro momento de grande importância para a consolidação da noção de autenticidade, ocorreu em 1994, na Conferência de Nara, como resultado da incompatibilidade dos critérios de autenticidade, anteriormente estabelecidos pela UNESCO, para todos os países. Na conferência foi elaborado um documento, no qual ficou assumido o princípio da diversidade cultural como um recurso insubstituível na configuração dos valores patrimoniais. Pelo facto de considerar que “todos os julgamentos acerca de valores atribuídos às propriedades culturais, bem como a credibilidade das correspondentes fontes de informação, podem diferir de cultura para cultura e, mesmo dentro de cada cultura. Não é, por isso, possível que os julgamentos de valores e de autenticidade sejam baseados de acordo com critérios fixos”⁴⁰. Pelo contrário, defende-se que o património cultural precisa de ser considerado e julgado dentro do contexto cultural ao qual pertence. Aos critérios já presentes no Guia Operacional de 1978 da UNESCO e dos quais conformam o julgamento do valor de autenticidade de um património, foram incluídos outros. Desta forma os critérios passam a ser “a forma e o desenho, os materiais e a substância, o uso e a função, as tradições e as técnicas, a localização e o enquadramento, o espírito e o sentimento, bem

³⁹ UNESCO- *Operational Guidelines for the implementation of the World Heritage Convention*. Paris: World Heritage Centre, 1978. p.4 (tradução livre do autor)

⁴⁰ UNESCO, ICCROM e ICOMOS - *Documento de Nara sobre a Autenticidade*. 1994. p.3

como outros fatores internos e externos.”⁴¹. Assim, conclui-se que a autenticidade “é a qualidade de um bem patrimonial de expressar os seus valores culturais, através dos seus atributos materiais e dos seus valores intangíveis, de uma forma verdadeira e credível. Depende do tipo de património e do seu contexto cultural.”⁴².

Além da autenticidade, o outro conceito fundamental para a identificação patrimonial é o conceito de integridade. A “integridade é a medida de conservação do estado original na sua totalidade, do património construído e seus atributos e valores. A análise do estado de integridade requer, portanto, uma avaliação de até que ponto o bem: inclui todos os componentes necessários para expressar o seu valor; assegura a completa representação das características e processos que transmitem o significado do bem; sofre efeitos adversos de intervenções e/ou negligência.”⁴³.

O património cultural e paisagístico da ilha e costa do Pessegueiro, conserva um elevado grau de autenticidade e integridade. De tal modo que, a sua classificação e inventariação representam o reconhecimento do carácter excecional do património presente e, por outro lado, a responsabilidade de o salvar e valorizar.

⁴¹ UNESCO, ICCROM e ICOMOS- *Documento de Nara sobre a Autenticidade*. 1994. p.3

⁴² Cit. por BARRANHA, Helena (org.) - *Património Cultural: conceitos e critérios fundamentais*. Lisboa: IST Press e ICOMOS-Portugal, 2016. p.48

⁴³ *Ibidem* p.50



74. Evolução Ilha do do Pessegueiro e Costa do Pessegueiro

Legenda.

- Século I-II d.C;
- Século III-IV d.C;
- Século XVI d.C;
- Século XVII d.C;
- Século XX d.C;

5.2 Valor Material e Construtivo

A cultura da construção e as materialidades que produziram os fortes do Pessegueiro refletem o desenvolvimento das novas técnicas militares e da arte de fazer a guerra, que se denota pelo aparecimento um elemento inovador, o baluarte angular. Um sistema abaluartado que aumentava a superfície de tiro e eliminava os ângulos mortos, ao mesmo tempo que evitava impactos diretos dos projéteis inimigos. Em toda a linha costeira alentejana os únicos exemplares com este sistema são, precisamente, os fortes do Pessegueiro e da ilha do Pessegueiro.

Os recursos naturais e locais que o território do Pessegueiro dispõe, como a terra e a pedra arenítica, foram aplicados na própria construção destas estruturas militares.

Sendo que, este testemunho e eco de uma memória histórica, deixou vestígios da sua extração no território. Nomeadamente, na costa defronte da ilha, a sul do forte do Pessegueiro, os cortes da extração lítica, nomeado Alto dos Cortes. Na ilha do Pessegueiro, precisamente a norte, também são visíveis os blocos de forma regular, talhados com precisão na rocha arenítica, bem como a ausência de tantos outros que foram lançados ao mar.

5.3 Valor como Património Militar

Para além da qualidade arquitetónica, estética e artística intrínseca destes objetos militares, também o seu interesse simbólico e histórico constitui o elemento chave para a sua importância patrimonial. Essa importância deriva da dualidade que lhe é intrínseca, tanto como um testemunho físico, bem como de memória, da dupla missão contra o inimigo externo e de controlo dos povos pelo Poder.

O forte do Pessegueiro distinguia-se pela sua importância em comparação com outros fortes e plataformas costeiras do litoral alentejano, notada pela força inicialmente prevista em homens e armamento.

Apesar de ter sido erigido num local pouco habitado, detinha um papel importante na ambiciosa obra portuária do Pessegueiro, assim como, na cobertura da costa entre Sines e Milfontes, favorecendo ainda uma melhor articulação da defesa com as rondas a pé e a cavalo.

5.4 Valor como Paisagem

A costa e ilha do Pessegueiro fazem parte de uma paisagem de características únicas em toda a costa alentejana, onde se conjugam, de forma singular, elementos naturais e culturais.

Esta paisagem cujo valor constitui um elemento fundamental da identidade local e regional foi há muito reconhecido. E adquiriu ainda maior importância no momento que o território em que estava inserida foi classificado como Parque Natural.

O património natural e cultural presente, são testemunho da interação harmoniosa entre a natureza e o homem. Os fortes militares do Pessegueiro, erigidos em simbiose com as características geomorfológicas/topográficas do território e em pontos de observação por excelência, constituem um dos inúmeros exemplos. Hoje, a dimensão paisagística destes exemplares de arquitetura militar na sua relação com o território, deixaram de ter o sentido defensivo e passaram a potenciar um sentido contemplativo da paisagem.

5.5 Valor Cultural

Os fortes do Pessegueiro e a sua envolvente são excecionais documentos históricos, ligados às vivências e à memória da comunidade local. Desse modo, a comunidade é responsável por proteger e legar esta herança patrimonial a gerações futuras como fator de enriquecimento e coesão. Um processo simbólico de legitimação social e cultural do património inestimável do Pessegueiro, que confere à população um sentimento coletivo de identidade.

O património do Pessegueiro, integra o nosso imaginário e acumula uma forte carga simbólica, que reúne acontecimentos importantes na história, assim como, inúmeras lendas. A mais notável, acabou por dar um de entre muitos nomes atribuídos ao forte da costa do Pessegueiro.

Frei Agostinho de Santa Maria, vigário Geral dos Agostinhos Descalços, relatou o milagroso episódio ocorrido a poucos metros a sul do forte, junto à ribeira do Queimado. Onde existia uma ermida, que pertencia ao senhorio da Ordem de Santiago e ao concelho de Vila Nova de Milfontes.

Por volta de 1660, desembarcaram os mouros na costa do Pessegueiro e foram à ermida, procurar decerto algo para roubar ou gente para cativar. Depararam-se com o ermitão, que destemidamente matou alguns inimigos, antes de ele próprio ser morto. De seguida, os corsários, atiraram a imagem de Nossa Senhora, existente na ermida, para um silvado próximo e ataçaram fogo. Mais tarde, retirados os corsários, acudiu gente das redondezas, que encontrou a imagem de madeira ilesa no meio do silvado ardido. Deste milagre recebeu a imagem o nome de Senhora do Queimado e, mais tarde, o forte que seria edificado de Fortaleza de Nossa Senhora do Queimado.





6.

PROJETOS DE REFERÊNCIA

75. Vista a Sul para a ilha do Pessegueiro, a partir do Trilho dos Pescadores. Ana Carolina Pereira, 2018

6.1 Nasjonale Turistveger

“There are still roads that are not merely to get you to your destination as quickly as possible. National Routes are beautiful drives with that little bit extra. Each route has its own history and character. Our job is to make sure routes are adapted to travelers’ needs. We do so by building spectacular viewpoints with services buildings, car parks, furniture, paths and art.”⁴⁴

O projeto *Nasjonale Turistveger*, é o caso de estudo que estrutura este trabalho, dado que toca em praticamente todos os temas elementares do mesmo: a paisagem cultural, a identidade e a idealização de percursos. Uma estratégia de sucesso a nível económico e cultural, que lança pistas para este trabalho.

O projeto consiste numa rota turística implementada nacionalmente em território Norueguês. Através da seleção de 18 secções de estradas, que originam intervenções nas mesmas, integradas no contexto natural. De forma a restituir e comunicar a sua identidade com a criação de percursos na paisagem cultural, integrados com a arquitetura. Estes, marcados por transições claras e precisas entre as áreas projetadas e a paisagem natural.

“Some projects are so concerned with showing themselves as “hybrid architecture” of best kind that they steal the attention from the surroundings they are placed in. A majority of the projects are so strong objects that the visitors lose awareness of the nature of the place. The architecture “produces” itself more than it represents the landscape.”⁴⁵

O projeto vincula a singularidade ímpar do lugar, com o pressuposto de preservar a sua identidade, através da conceção de diferentes rotas e intervenções de inúmeros arquitetos. Não

⁴⁴ Cit. por CALVETE, Mariana - *Itinerâncias e Percursos da Memória - Desenho que suporta a relação entre património, território e paisagem*. Tese de Mestrado Integrado em Arquitetura, Universidade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. 2013. p.37

⁴⁵ BROCHMANN, Bertram - *A new Norwegian National Romance*. Morgenbladet, 26 de Julho de 2009

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria



76. Steilneset Memorial, Vardo, Noruega, Peter Zumthor, 2011. Jarle Waehler,



77. Plataforma panorâmica Trollstigen, Noruega, Reiulf Arkitektur, 2012. Per Kollstad



78. Área de descanso Rjupa, Noruega. Vegar Moen

obstante, a homogeneidade de um conjunto nacional é garantida pelo seguimento dos mesmos princípios estratégicos e conceptuais. Apelando ao interesse do visitante, à exploração, à viagem, e desenvolvimento do comércio e serviços locais, integrando as populações na participação do processo.

“National Tourist Routes in its existing spectacular shape needs to be stopped. The resources should go to building up functions and commerce along the roads that show the tourists examples of ecological buildings and sustainable local societies, both in new and old cultural landscapes.”⁴⁶

6.2 Fortaleza de Juromenha

A Fortaleza de Juromenha, enunciada como projeto de referência, emerge como um exemplo monumental e excecional, entre o vasto leque de fortificações militares no território português. O estudo e análise, a partir do projeto *Fortaleza de Juromenha: Projeto de consolidação e restauro os paramentos do perímetro abaluartado exterior e cerca islâmica e medieval interior*, permitiu adquirir um conhecimento mais aprofundado sobre os valores, metodologia e critérios para a intervenção em arquitetura militar. Consequentemente, este exemplo revelou-se fulcral para o desenvolvimento deste projeto final de mestrado, uma vez que, pretende-se intervir no património militar do Pessegueiro.

Juromenha, é hoje uma pequena aldeia no Alentejo situada na margem do Guadiana e na fronteira com Espanha. E, tal como no Pessegueiro, possui vestígios da ocupação humana desde o paleolítico e ocupa um lugar estratégico no território, em estreita relação com outras praças de armas. Desta forma, justifica-se o nascimento de uma fortaleza importante com diversas fases de crescimento e transformação, nomeadamente, “do período islâmico, do início da nossa nacionalidade e do período moderno”⁴⁷.

⁴⁶ Ibidem

⁴⁷ AGUIAR, José; PACHECO, Pedro- *Fortaleza de Juromenha: Projeto de consolidação e restauro os paramentos do período abaluartado exterior e cerca islâmica e medieval interior*. Lisboa, 2019. p.6 (não editado)

“A fortaleza de Juromenha é constituída por dois níveis de fortificação, um perímetro exterior, designado por Fortaleza Seiscentista, e uma cerca interior, designada por Castelejo, Cerca, Castelo ou Muralha Medieval. A Fortaleza Seiscentista, composta pela cintura de muralhas exteriores, é do tipo abaluartada, com planta irregular, e é constituída por quatro baluartes e duas obras exteriores (um redente e um hornaveque). A cintura abaluartada é circundada por um fosso delimitado pelo caminho coberto que, por sua vez, é delimitado pela contraescarpa.

A fortificação interior é constituída por troços da muralha do castelejo, onde ainda são visíveis vestígios de nove torres retangulares, algumas delas em ruína e outras que foram reconstruídas no século XX. Uma dessas torres reconstruída pela Direção Geral dos Monumentos Nacionais (DGEMN) colapsou recentemente (no início de 2018).

No interior do recinto muralhado, permanecem, ainda, a igreja matriz e a prisão civil, alvo de intervenções de recuperação e proteção no século XX. Tudo o resto, desde cisterna, a paiol e quartéis foi demolido, ou encontra-se em ruína e em avançado estado de degradação.”⁴⁸



79. Vista Sul da Cerca Medieval e perímetro Abaluartado exterior da Fortaleza de Juromenha. José Aguiar, Pedro Pacheco, 2007

⁴⁸ Ibidem

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria

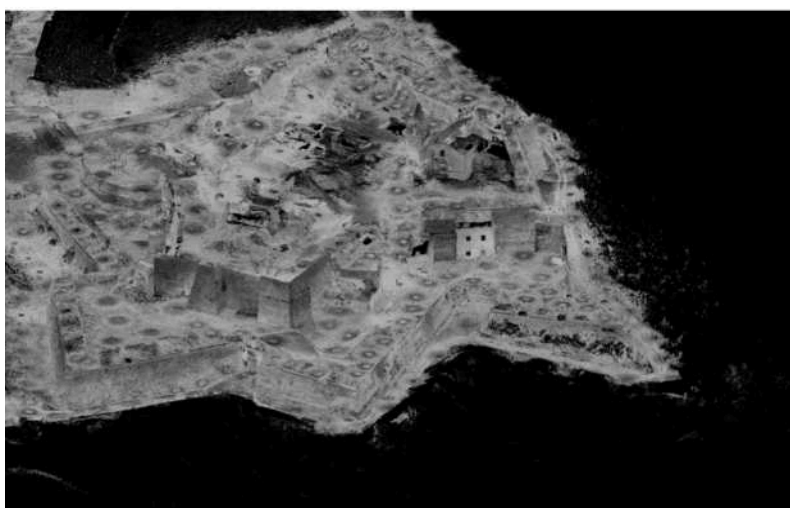
80. Entrada da Praça-Forte, Fortaleza de Juromenha. José Aguiar, Pedro Pacheco, 2018



81. Vista parcial do interior da Cerca Medieval e Cerca Abaluartada. José Aguiar, Pedro Pacheco, 2018



82. Dados obtidos por varrimento laser no processo de alinhamento de nuvens de pontos, Fortaleza de Juromenha. Jorge Garcia-Fernandez; Luis Mateus; Victor Ferreira



O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria





7. PROJETO

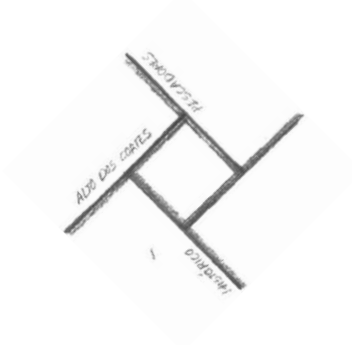
83. Vista para o Forte do Pessegueiro e Ilha do Pessegueiro.
Ana Carolina Pereira, 2018

7.1 O Percurso como Projeto

A costa do Pessegueiro reúne num só lugar incontáveis histórias e mitos, como também um património singular e diversificado, porém disperso e esquecido na paisagem. Desta reflexão nasce um dos conceitos fundacionais deste projeto, o (re)desenho de percursos, que restabelecem a continuidade perdida entre a riqueza paisagística e patrimonial. Através do (re)desenho destes percursos juntamente com pequenas intervenções ao longo dos mesmos, este projeto, visa dar resposta aos problemas do lugar ao transformá-los em potencialidades, tendo em conta as necessidades da população e dos visitantes locais.

Na costa do Pessegueiro, o Percurso dos Pescadores e o Percurso Histórico figuram dois trajetos da Rota Vicentina, que se estendem junto ao forte do Pessegueiro. A estes pretende-se compor o Percurso do Alto dos Cortes, o qual orienta o visitante até ao forte e, por fim, até à pedreira, de forma a criar um ponto de ligação entre percursos pedestres

A este ponto de ligação encontra-se articulada uma proposta de ordenamento da circulação e reestruturação do estacionamento automóvel. Uma estratégia imperativa, tendo em conta o atual estacionamento, desordenado, abusivo e adjacente ao Forte do Pessegueiro. O estacionamento proposto corrige os problemas anteriormente identificados e, ainda, assegura a sua capacidade, considerando o fluxo atual de visitantes e o previsível aumento do mesmo, pela requalificação e elaboração de novos percursos.



84. Esquema conceptual do ponto de ligação entre o Percurso dos Pescadores, Percurso Histórico e Percurso do Alto dos Cortes

Perante o exposto, a interseção dos percursos, constitui também o ponto de chegada, para quem se desloca de automóvel. Assim sendo, o desenho proposto tem como objetivo organizar a coexistência de carros e pessoas, mediante uma plataforma de madeira de forma retangular, que define os limites do espaço de chegada e cuja elevação impõe o abrandamento dos veículos em circulação. A partir desta, justamente nos extremos, o visitante é direcionado para os diferentes percursos que pode percorrer.

7.1.1 Percurso dos Pescadores



Legenda.

1. Estacionamento; **2.** Plataforma de madeira; **3.** Forte do Pessegueiro;
4. Vale; **5.** Armazéns e Habitação; **6.** Restaurante; **7.** Anfiteatro; **8.**
Cabanhas de apoio ao uso balnear

 **85.** Planta de intervenção do Percurso dos Pescadores

O Percurso dos Pescadores, desenrola-se ao longo de um trilho que, elegantemente, se adapta às formações rochosas e aos sistemas dunares da Costa Vicentina. Um pequeno troço deste percurso é partilhado por caminhantes de mochila às costas, que deambulam ao longo deste trilho costeiro, e por banhistas que acedem à praia do Pessegueiro. Ambos utilizam um espaço que desperta algumas inquietações e, como tal, existe a necessidade de uma intervenção como resposta.

Junto ao forte, a norte, está situado um restaurante precário e desenquadrado. Não obstante, a importância desta infraestrutura para os caminhantes e banhistas é reconhecida e, portanto, propõe-se a sua realocização no território. Com este gesto crucial, as qualidades intrínsecas do lugar tornam-se nítidas e criam a possibilidade de um novo olhar.



86. Ilustração pastel de óleo do anfiteatro

Como resultado desta reestruturação, pretende-se assumir o vale, o qual se delimita pelo percurso e por um novo espaço: um anfiteatro ao ar livre integrado na topografia natural do local. A conceção deste novo espaço, torna o lugar ainda mais vocacionado para ser palco de convívios, eventos e espetáculos. Do mesmo modo que, no passado, era utilizado pelos ranchos das proximidades de Porto Covo para as festividades pagãs, nomeadamente, o banho 29, com uma feira animada por bailaricos e a procissão dedicada a Nossa Senhora.

Neste local, também existem outras construções pré-existentes, de habitação e armazéns inerentes ao presente restaurante, que se encontram num local mais enquadrado relativamente ao contexto. Ademais, a sua função continua a ser pertinente e, por isso, entende-se que estas devem ser mantidas. Pelos motivos anteriormente expostos, propõe-se que a poucos metros e alinhado com a habitação e armazéns, seja desenhado o novo restaurante.

Para além disso, é evidente a necessidade de novas infraestruturas de apoio ao uso balnear. Nesse sentido, ao longo do percurso, intenciona-se projetar apoios de praia, instalações sanitárias, duches e equipamentos de apoio ao ensino e prática de surf.

Apesar dos edifícios surgirem pontualmente no território, o seu desenho ambiciona a homogeneidade através de uma linguagem comum, na forma e materialidade. Esta homogeneidade, surge na forma das cabanas do setor da população ligado à faina da pesca, que dá nome a este percurso, e do seu tradicional material construtivo: a madeira. Esta forma presumivelmente rudimentar, ganha dimensões e composições distintas, adaptadas ao programa proposto e integradas na paisagem, sem estarem em conflito com esta, pelo contrário, enaltecendo-a. É o caso das

cabanas referentes às instalações sanitárias, duches e de ensino e prática de surf, que acompanham o ritmo natural da arriba e marcam a transição da mesma para o extenso cordão dunar.

O acesso à praia, efetuado pelo percurso dos pescadores, além de carecer das estruturas propostas, deve ele próprio ser melhorado. A proposta preserva o mesmo traçado do percurso e, introduz, pavimentação em saibro e madeira sendo esta, rampeado e sobrelevado entre o restaurante e a aproximação ao areal, de modo, a salvaguardar a possibilidade de acesso a pessoas com mobilidade reduzida.

7.1.2 Percurso Alto dos Cortes



Legenda.

1. Forte do Pessegueiro; 2. Estacionamento; 3. Escadas Pedreira; 4. Plataformas Pedreira

🕒 87. Planta de intervenção do Percurso Alto dos Cortes

O Alto dos Cortes, como é apelidado pelos locais, é uma antiga pedreira do século XVII. A premissa de um percurso nesta área, ambiciona valorizar e transmitir a identidade e história deste lugar místico. A sua estratégia, todavia, é distinta dos restantes percursos deste projeto. Ao invés de guiar o caminhante diretamente para os locais marcantes e ponderosos do território, tenciona, pelo contrário, que este explore e se aventure no desconhecido.

A intervenção arquitetónica deste percurso, tem intenção de facilitar a experiência autónoma na natureza modificada pela mão do homem e pela passagem do tempo. Por outras palavras, através de pequenas intervenções, possibilita que o visitante aceda a pontos onde não conseguiria ou teria dificuldade e, que, muitas vezes escapavam ao seu reconhecimento e apreciação.



88. Ilustração pastel de óleo das escadas da pedreira

Nomeadamente, o desenho de escadas, que inseridas nos rasgos da pedreira viabilizam a circulação no seu interior. O visitante, envolvido por estas barreiras de arenito, começa inclusive a analisar as marcas horizontais gravadas na rocha e a idealizar os instrumentos e máquinas usadas no seu corte.

Contudo, existem zonas na pedreira em que o acesso vertical não é necessário e, à primeira vista, ocultam impressionantes miradouros, os quais são pouco seguros pela proximidade e altitude da falésia. Desse modo, são propostas duas plataformas, que garantem a acessibilidade em segurança e, simultaneamente, retiram o visitante do seu ponto de conforto, posicionando-o, num lugar outrora inacessível. Este permite contemplar uma vista panorâmica, sobre todo o conjunto do Pessegueiro, com Porto Covo no seu horizonte e sobre um dos protagonistas deste território: o mar.

A este da pedreira, do outro lado da estrada, projeta-se um pequeno estacionamento informal que enuncia o merecer de uma paragem para os visitantes mais distraídos. Interligado e integrado com o caminho atual, será alvo de recuperação com materiais pouco intrusivos, o saibro e a madeira, que facilitarão a integração paisagística com a envolvente.

7.1.3 Percurso Ilha do Pessegueiro



89. Planta de intervenção
Percurso Ilha do Pessegueiro

Legenda.

1. Pontão; 2. Ruínas Romanas; 3. Forte da Ilha do Pessegueiro; 4. Pedreira; 5. Capela

Enquanto na costa do Pessegueiro a paisagem pede um novo olhar, na Ilha do Pessegueiro a paisagem está à espera do nosso olhar. Com vista a ir de encontro a este apelo, o percurso proposto pretende conectar e inter-relacionar o conjunto da Ilha do Pessegueiro com a respetiva costa, como acontecia no passado, através do seu sistema defensivo. Assim, o que antes

foi pensado como um sistema de defesa contra piratas, corsários ou armadas inimigas, é hoje um magnífico espaço de contemplação do território, que permite a experiência da paisagem, concentrada no património e na história das estratégias militares, industriais e portuárias realizadas ou meramente idealizadas.



90. Ilustração pastel de óleo do pontão

Neste sentido, a estratégia será primeiro assegurar a chegada segura à ilha através da criação de um pequeno cais e pontão, que formaliza o primeiro ponto de paragem. A sua volumetria, construtivamente de betão, considera a elevação máxima da maré relativamente ao nível médio do mar de 2 metros, que poderá atingir 1.8 metros em determinados dias do ano⁴⁹. A meio, é pontuado por um banco, sombreado por uma estrutura de madeira que convida à paragem e observação. No que concerne ao desenho do pontão, este está intimamente vinculado ao próprio território e prolonga-se até alcançar a cota do caminho serpenteado existente.

A partir desse momento, o visitante parte para a exploração de toda a envolvente desta simbólica ilha. Primeiro, em direção às ruínas romanas e, de seguida, para o ponto mais alto da ilha, onde se encontra o forte. Um marco histórico-cultural que, apesar do seu valor patrimonial, não evitou cair no esquecimento e sofrer o efeito deteriorador dos agentes climáticos e dos constantes desmoronamentos. Desta forma, é proposta uma intervenção de restauro para o Forte da Ilha do Pessegueiro.



91. Ilustração pastel de óleo da capela

Após o visitante testemunhar um dos valores intrínsecos do lugar, a sua localização estratégica e privilegiada na paisagem, o percurso segue para norte, em direção à pedreira. Um verdadeiro labirinto do século XVI, que se tenciona incorporar no percurso, aspirando suscitar determinadas sensações ao visitante. Aqui, o caminho não é determinado, apenas limitado pelos ostensivos e monumentais blocos talhados na rocha. Estes findam, praticamente, no extremo da ilha e dão lugar a um mirante impressionante. Neste local, propõe-se uma capela, que enfatiza a reputação sagrada do lugar do Pessegueiro, nomeadamente,

⁴⁹ Tabela de marés do Porto de Sines. Disponível em http://www.portodesines.pt/media/3298/tabela-mar%C3%A9s-sines_2020.pdf

pela existência no passado de uma ermida, intitulada ermida de Santo Alberto, no interior do forte.

O desenho da capela relaciona-se intimamente com a pedreira, dado que, demarca a ausência dos blocos lançados para o mar, na construção utópica de um molhe até ao Penedo do Cavallo. Por outras palavras, a capela torna-se o negativo destes blocos e, conseqüentemente, através da arquitetura dá a conhecer a história do lugar. Ao mesmo tempo, proporciona ao visitante um espaço contemplativo, em pleno contacto com a natureza, materializado por uma pedra mármore que contrasta com a pedra arenítica existente na ilha.



92. Esquema conceptual da capela, Ilha do Pessegueiro

7.2 Habitar o Forte

No que concerne ao Forte do Pessegueiro, propõe-se a sua integração nos três percursos propostos, enaltecendo este bem cultural, de elevado valor histórico, simbólico, estético e arquitetónico. A proposta destina-se à reabilitação do forte, assente na ambição de um uso compatível que assegure, simultaneamente, a sua fruição pública e manutenção ao longo do tempo. Nesse sentido, e como complemento aos percursos propostos, afigura-se a possibilidade de um alojamento temporário para o visitante deste litoral.

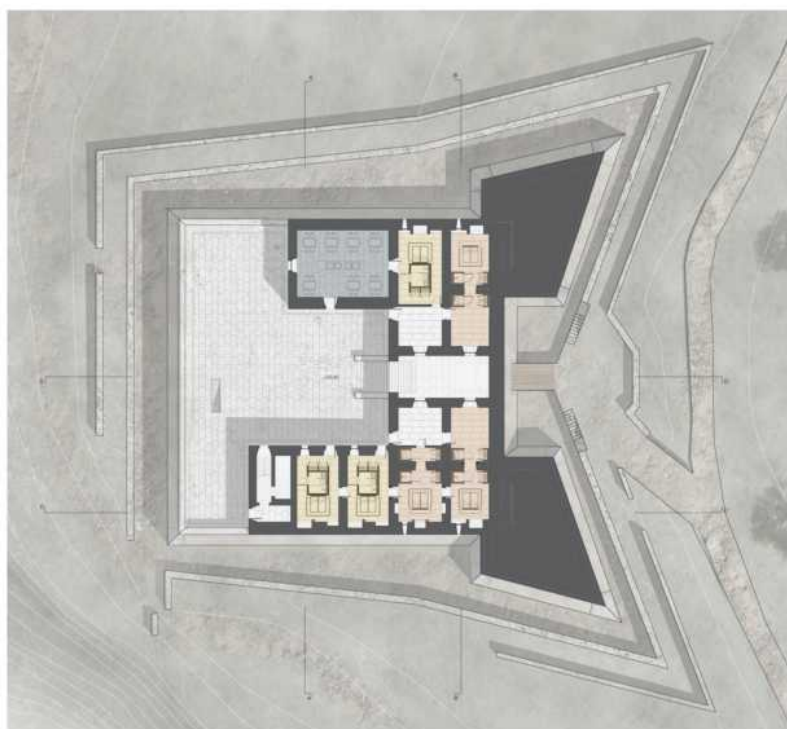
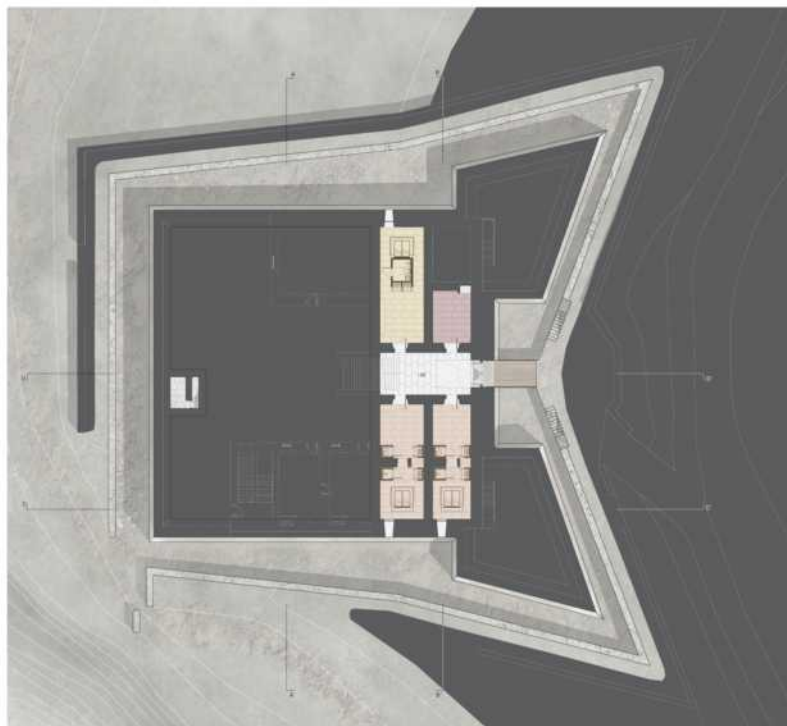
Para esse fim, a intervenção arquitetónica, visa garantir as condições para habitar o Forte do Pessegueiro. Na identificada ermida de Nossa Senhora do Queimado, apoiado pelo restaurante situado na envolvente do forte, desenha-se um espaço para pequenas refeições ao alojamento que, inclusive, poderá funcionar como bar e dispor da praça baixa como esplanada.

Nos restantes compartimentos, projetam-se os quartos, com instalações sanitárias privativas, segundo duas estratégias de desenho baseadas nas características espaciais do lugar. Parte-se da ideia de que os elementos que compõem o quarto, tem uma composição distinta em cada estratégia. Numa, estes elementos formam uma só peça e o visitante circula ao seu redor, enquanto, na outra, a peça encontra-se fragmentada e



93. Esquema da estratégia conceptual para as duas tipologias de quartos do Forte do Pessegueiro

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUIERO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria



94 e 95. Planta Piso 0 e 1 do Forte do Pessegueiro

Legenda.

- Tipologia de Quarto 1; ■ Tipologia de Quarto 2; ■ Arrumos;
- Sala de Refeições;



permite a deslocação pelo seu interior. Ademais, é crucial controlar a sua materialização, para que o espaço ganhe conforto. Nesse sentido, optou-se pelo contraplacado com acabamento folheado a madeira natural, no interior, e contraplacado de cofragem, no exterior, de forma a garantir o efeito queimado da madeira, representativo do milagre da imagem de madeira de Nossa Senhora do Queimado.





8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

96. Vista para a Ilha do Pessegueiro a partir do Porto Covo. Ana Carolina Pereira, 2018

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria

d

O trabalho desenvolvido pretendeu ser a chave para o desalento e inquietações vividas, motivadas pela atual situação do património do Pessegueiro. Fundamentada na conceção de que, a arquitetura e o desenho contemporâneo são determinantes para restituir o apreço a estes lugares.

Nesse sentido, conjeturou-se a elaboração de premissas de atuação sobre o lugar a diferentes escalas, integrando os seus valores históricos e memoriais. Designadamente, através de uma rede de percursos e acessibilidades, intimamente correlacionadas com a perceção do território, da paisagem e do notável património do Pessegueiro. A intervenção deste sistema de percursos permite a perceção perlongada e continua no território, promovendo espaços de transição que incentivam à paragem e à contemplação e que, simultaneamente, propiciam a conexão entre visitantes e locais.

Vinculado a estes trilhos, surge o Forte do Pessegueiro que, embora tenha perdido a sua função primordial, prevaleceu na paisagem como marca da presença e de ocupação da construção humana no território. A intervenção, objetiva habitar o forte, tendo em consideração o valor patrimonial da construção a reabilitar, classificada como Imóvel de Interesse Público.

Por conseguinte, com a convicção de que as intenções enunciadas para este trabalho se materializam, depreende-se a instigante ideia de que a mesma abordagem pode ser alargada no território, reforçando a dinamização turística e cultural desta região.





9. BIBLIOGRAFIA

97. Vista a Norte a partir da Pedreira da Ilha do Pessegueiro. Ana Carolina Pereira, 2019

BIBLIOGRAFIA GERAL

AGUIAR, José- *Cor e Cidade Histórica- Estudos cromáticos e conservação do património*. Porto: Ed. FAUP, 2002

AGUIAR, José; PACHECO, Pedro- *Fortaleza de Juromenha: Projeto de consolidação e restauro os paramentos do período abaluartado exterior e cerca islâmica e medieval interior*. Lisboa, 2019. (não editado)

AUGÉ, Marc- *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Letra Livre, 2012

BARRANHA, Helena (org.) - *Património Cultural: conceitos e critérios fundamentais*. Lisboa: IST Press e ICOMOS-Portugal, 2016

BROCHMANN, Bertram - *A new Norwegian National Romance*. Morgenbladet, 26 de Julho de 2009

CALVETE, Mariana - *Itinerâncias e Percursos da Memória -Desenho que suporte a relação entre património, território e paisagem*. Tese de Mestrado Integrado em Arquitetura, Universidade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. 2013

CARERI, Francesco – *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2013

CARERI, Francesco - *Caminhar e Parar*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili. 2017

CALVINO, Italo- *Cidades Invisíveis*. Lisboa: Editorial Teorema. 2008

CHOAY, Françoise – *A Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, 2000

CHOAY, Françoise– *As Questões do Património*. Lisboa: Edições 70. 2018

CHOAY, Françoise - *Património e Mundialização*. 2º Ed, Lisboa: Editora Licome, 2005

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE CONSERVAÇÃO- *Carta de Cracóvia 2000 – Princípios para a conservação e o restauro do património construído, 2000*

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO

Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria

DOMINGUES, Álvaro - *A Rua da Estrada*. Porto: Dafne Editora. 2009

FARIA, João Pedro Timóteo - MEMÓRIAS DO AQUEDUTO- *Um Itinerário pelo Património Esquecido*. Tese de Mestrado Integrado em Arquitetura, Universidade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. 2015

RIBEIRO, Orlando - *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico: Esboço de relações geográficas*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora. 1963

PEREIRA, Ricardo Estevam - *Ler a Paisagem. Um passeio por Sines, guiado pelos seus escritores*. Sines, Câmara Municipal de Sines, 2008

MATTOSO, José - *A Identidade Nacional*. Lisboa: Gradiva. 1998

MATTOSO, José; DAVEAU, Suzanne; BELO, Duarte - *Portugal. O Sabor da Terra. Um retrato histórico e geográfico por regiões*. Lisboa: Temas e Debates. 2010

MERLEAU-PONTY, Maurice - *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Ed. Martins Fontes. 1999

PALLASMAA, Juhani- *Olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*. Bookman companhia editora, Brasil. 2011

PINTO-CORREIA, T., CANCELA D'ABREU, A., OLIVEIRA, R. - *Identificação de Unidades de Paisagem: Metodologia aplicada a Portugal Continental*. Finisterra, XXXVI, 72, 2001

RIEGL, Alois- *O Culto Moderno dos Monumentos*, Edições 70. 2013

SCHAAMA, Simon- *Landscape and Memory*. Great Britain: Harper Press. 2004

SOLÀ-MORALES, Ignasi- *Intervenciones*. Barcelona, Ed. Gustavo Gilli. 2006

UNESCO- *Operational Guidelines for the implementation of the World Heritage Convention*. Paris: World Heritage Centre, 1978

UNESCO, ICCROM e ICOMOS - *Documento de Nara sobre a Autenticidade*. 1994

ZEVI, Bruno- *Saber Ver a Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1996

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria

ZUMTHOR, Peter- *Atmosferas*. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, SL. 2006

ZUMTHOR, Peter- *Pensa a Arquitetura*. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, SL. 2009

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA RELATIVA AO PESSEGUEIRO

GUEDES, Lívio da Costa- *Aspetos do Reino de Portugal nos séculos XVI e XVII. A <<Descrição>> de Alexandre Massai (1621) - II Tratado*. Arquivo Histórico Militar, 1989

NOÉ, Paula- *Guia de Inventário-Fortificações Medievais e Moderna*. IHRU, IP, 1993

QUARESMA, A. Martins –*Alexandre Massai. A escola italiana de Engenharia Militar no Litoral Alentejano*. Sines, Centro Cultural Emmerico Nunes, 2007

QUARESMA, A. Martins- *Vila Nova de Milfontes- História*. Junta de Freguesia de V. N. de Milfontes, 2003

QUARESMA, A. Martins- *Forte do Pessegueiro: Fortificação da Costa de Sines após a Restauração*. Sines, Museu de Sines, 2009

QUARESMA, A. Martins- <<A ligação afectiva às terras aprofunda-se com o conhecimento>>. *Redes do Tempo. Jornal do Museu de Sines*: nº4, Janeiro 2011

SILVA, Carlos Tavares; SOARES, Joaquina- *Ilha do Pessegueiro, Porto Romano da Costa Alentejana*. Lisboa, Instituto da Conservação da Natureza, 1993

WEBGRAFIA

Direção Geral do Património Cultural (DGCP)-
<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/>

ICOMOS- <http://www.icomos.pt/>

Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF)-
<http://www2.icnf.pt/portal/ap/p-nat/pnsacv>

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria

Junta de Freguesia de Porto Covo- <http://www.jf-portocovo.pt/pages/283/>

Município de Sines- <http://www.sines.pt/>

Nasjonale Turistveger- <https://www.nasjonaleturistveger.no/en>

UNESCO- <https://en.unesco.org/>

Rota Vicentina- <https://rotavicentina.com/>

SIPA-

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx

Tabela de marés do Porto de Sines, 2020 Disponível em
http://www.portodesines.pt/media/3298/tabela-mar%C3%A9s-sines_2020.pdf



ANEXOS



Vista a partir do mar para a Ilha do Pessegueiro. Ana Carolina Pereira, 2019

ANEXO 1

Iconografia e Cartografia Histórica



Costa e Ilha do Pessegueiro

Alexandre Massai, 1617

Extraído de: MASSAI, Alexandre- *Descrição e plantas da costa, dos castelos e fortalezas, desde o reino do Algarve até Cascais, da Ilha Terceira, da praça de Mazagão, da ilha de Santa Helena, da fortaleza da Ponta do Palmar na estrada do rio Goa, da cidade de Argel e de Larache.* 1617.

Disponível em: <https://digitalq.arquivos.pt/viewer?id=3908671>

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria



Mapa das Fortalezas da costa portuguesa entre Vila Nova de Milfontes e Lisboa

Mateus do Couto, 1693

Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3908671>

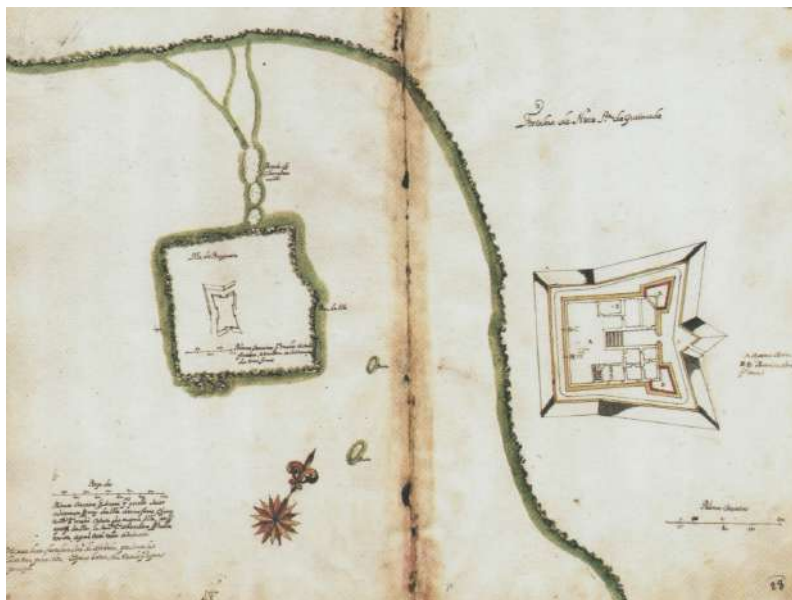
O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria



Mapa da Província da Estremadura
João Silvério Carpinetti, 1762

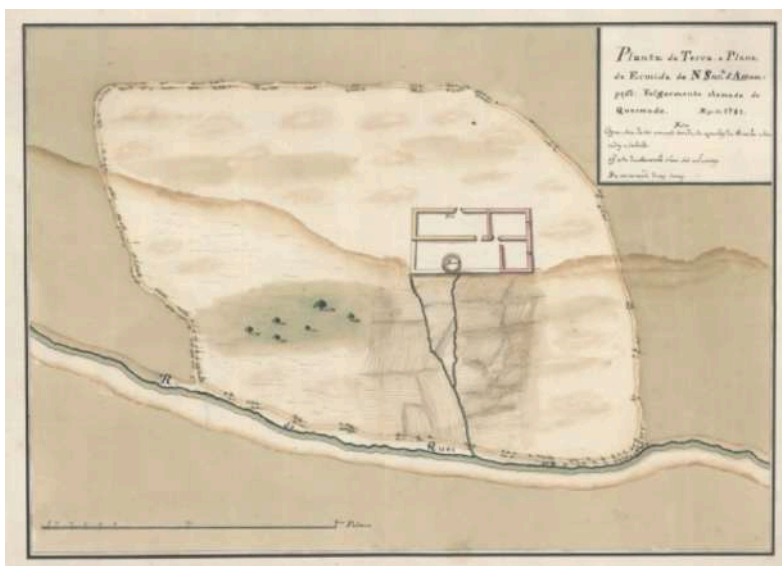
Disponível em: http://purl.pt/745/5/ca-203-p_PDF/ca-203-p_PDF_24-C-R0075/ca-203-p_0000_capa_t24-C-R0075.pdf

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria



Costa do Pessegueiro, com planta do forte
João Tomás Correia, entre 1699 e 1743

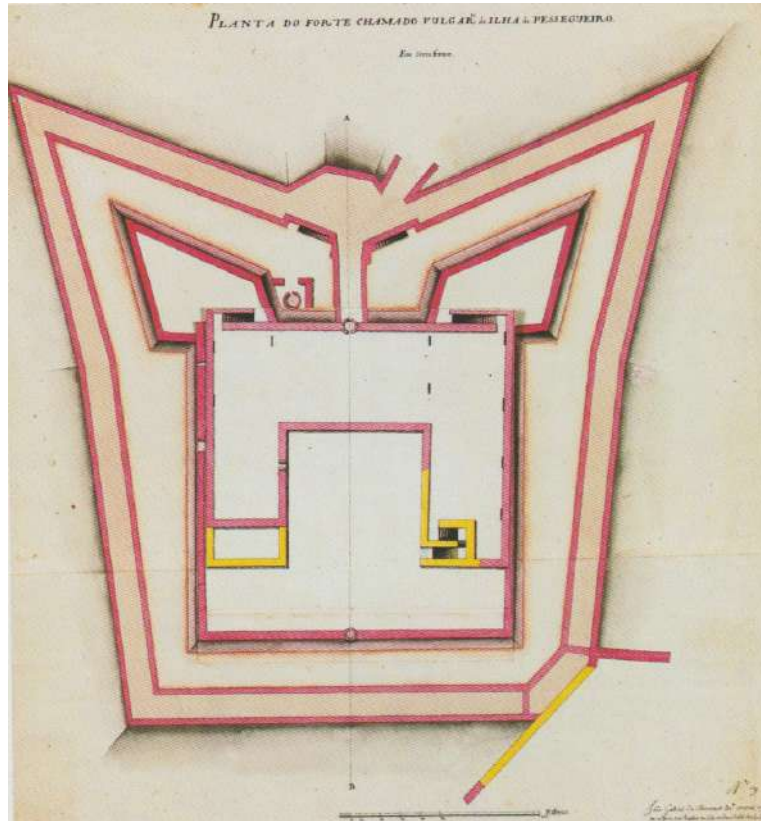
Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3908671>



Planta da terra e plano da Ermida de N. Sra. d'Assumpção:
vulgarmente chamada do Queimado
João Gabriel de Chermont e Diogo Correia da Mota, 1781

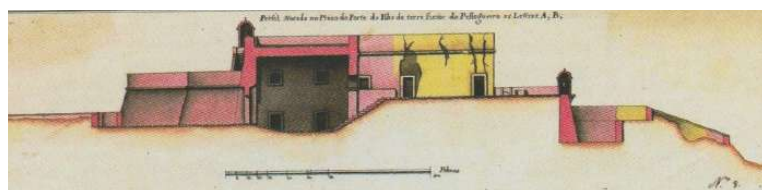
Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3908671>

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria



Planta de cobertura do Forte do Pessegueiro
João Gabriel Chermont, 1790

Extraído de: QUARESMA, A. Martins- *Forte do Pessegueiro: Fortificação da Costa de Sines após a Restauração*. Sines, Museu de Sines, 2009. p.78



Corte do Forte do Pessegueiro, visto de norte. A aguada amarela indica a área que mais tinha sofrido com o terramoto de 1755.
João Gabriel Chermont, 1790

Extraído de: QUARESMA, A. Martins- *Forte do Pessegueiro: Fortificação da Costa de Sines após a Restauração*. Sines, Museu de Sines, 2009. p.78

ANEXO 2

Registos Fotográficos



Vista oeste, Forte do Pessegueiro

Sistema de Informação para o Património Arquitetónico. IPA.00004092.

Disponível em:

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4092



Vista parcial da muralha, Forte do Pessegueiro

Sistema de Informação para o Património Arquitetónico. IPA.00004092.

Disponível em:

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4092

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria



Portal, Forte do Pessegueiro

Sistema de Informação para o Património Arquitetónico. IPA.00004092.

Disponível em:

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4092



Praça baixa, Forte do Pessegueiro

Sistema de Informação para o Património Arquitetónico. IPA.00004092.

Disponível em:

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4092

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria



“Banho do 29”.

Maria Alice Almeida e Silva, anos 20 do século XX

Extraído de: QUARESMA, A. Martins- *Forte do Pessegueiro: Fortificação da Costa de Sines após a Restauração*. Sines, Museu de Sines, 2009. p.83



“Banho do 29”, arraial junto ao forte

Maria Alice Almeida e Silva, anos 20 do século XX

Extraído de: QUARESMA, A. Martins- *Forte do Pessegueiro: Fortificação da Costa de Sines após a Restauração*. Sines, Museu de Sines, 2009. p.82

ANEXO 3

Maquetas de estudo



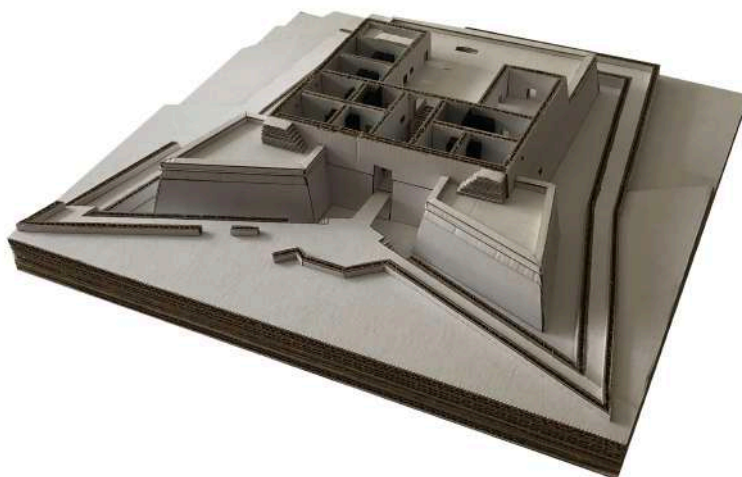
Maqueta de estudo de dois quartos do Forte do Pessegueiro
Escala 1:50

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria

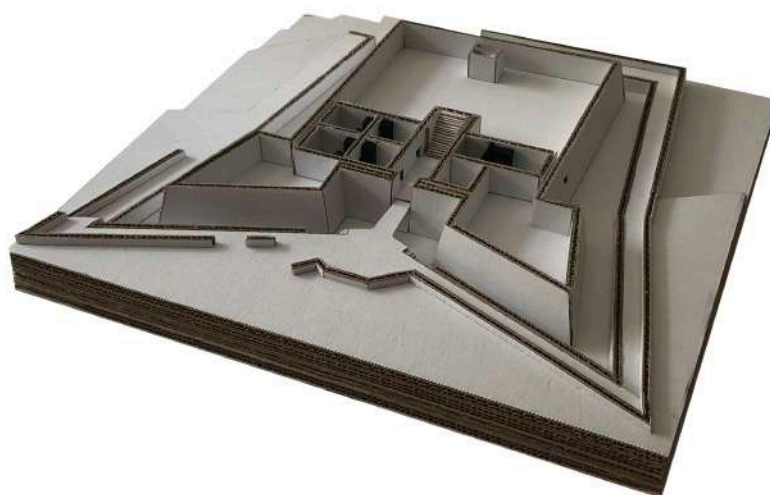


Maqueta de estudo, experiências de materialidade e cor
para os quartos dos Forte do Pessegueiro
Escala 1:50

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria



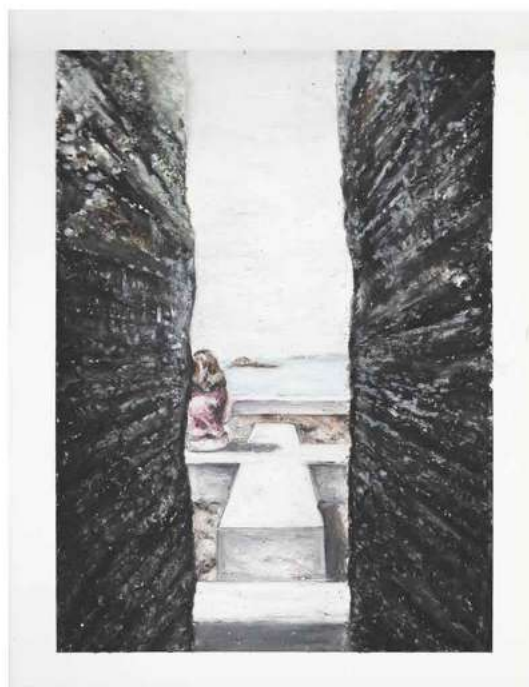
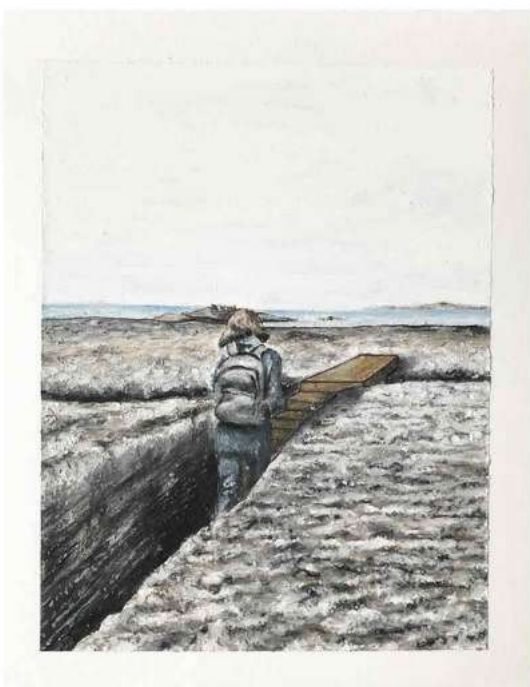
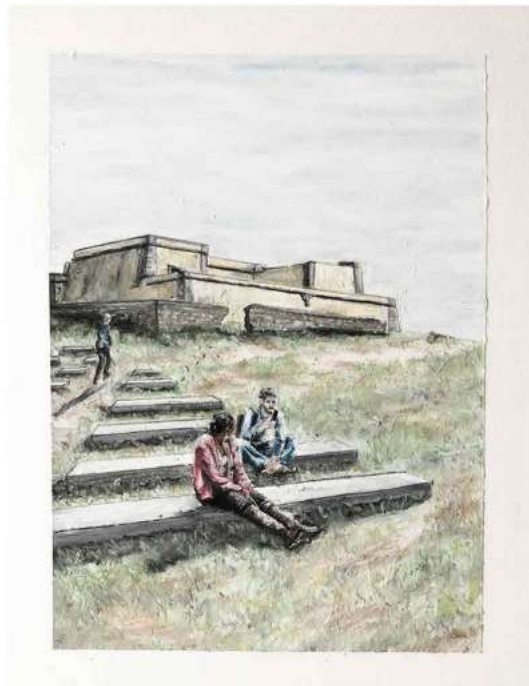
Maqueta de estudo, piso 0 do Forte do Pessegueiro
Escala 1:200



Maqueta de estudo, piso 1 do Forte do Pessegueiro
Escala 1:200

ANEXO 4

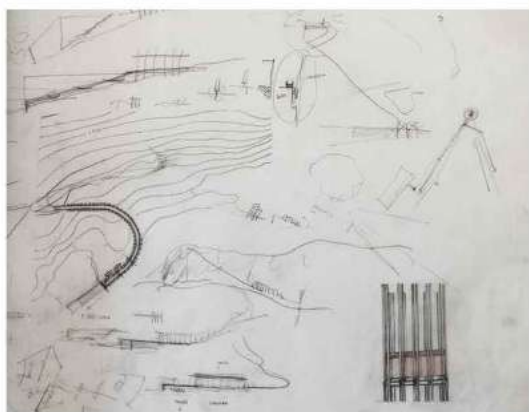
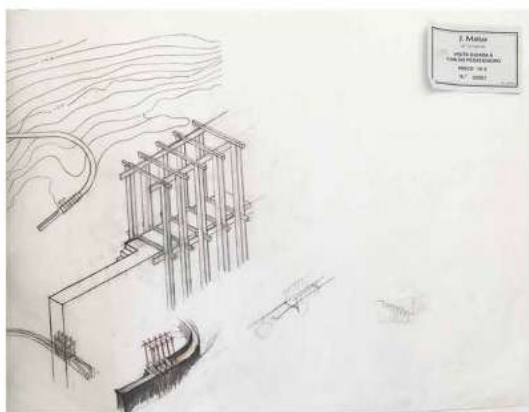
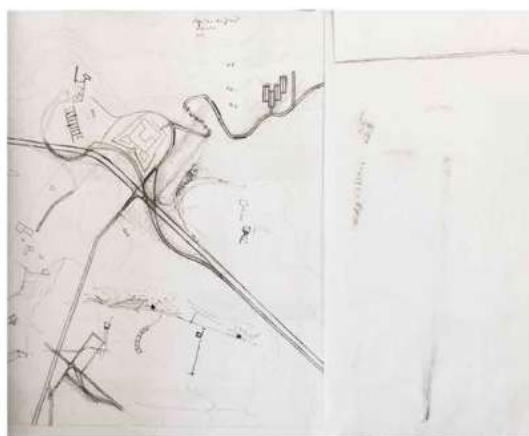
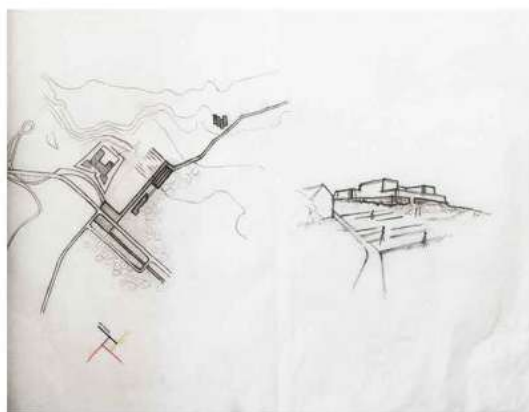
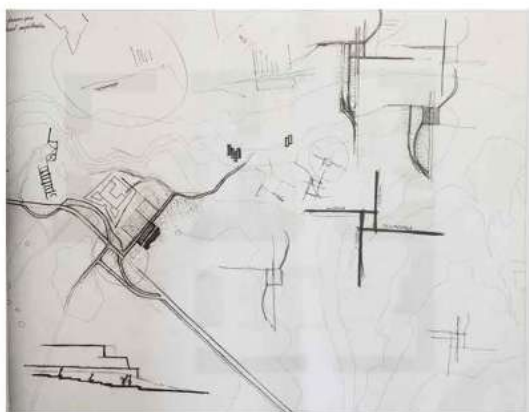
Desenhos e Esquissos



Perspetivas em pastel de óleo

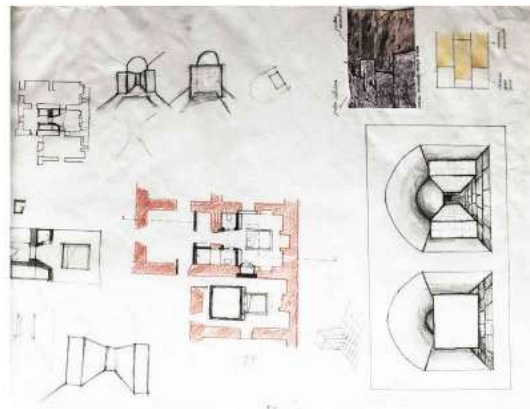
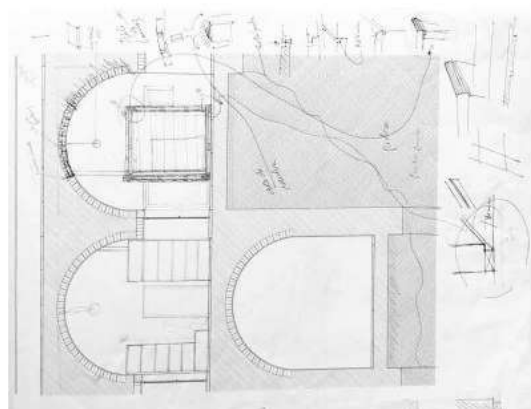
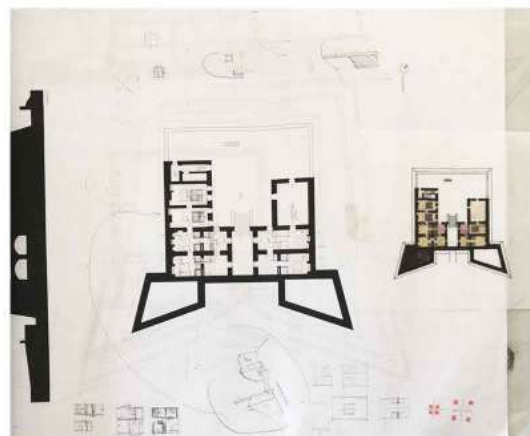
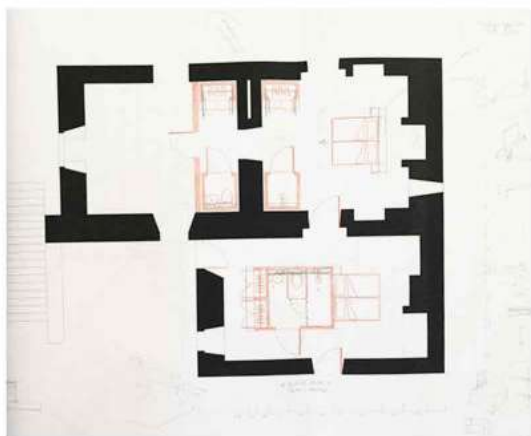
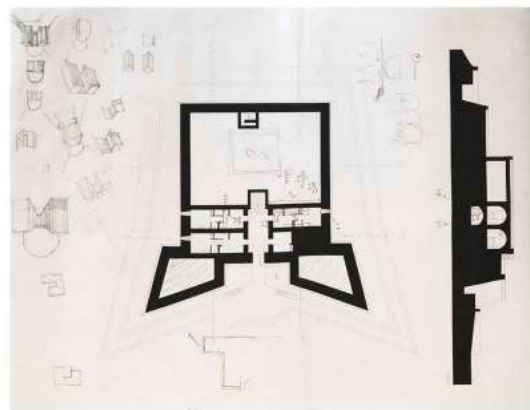
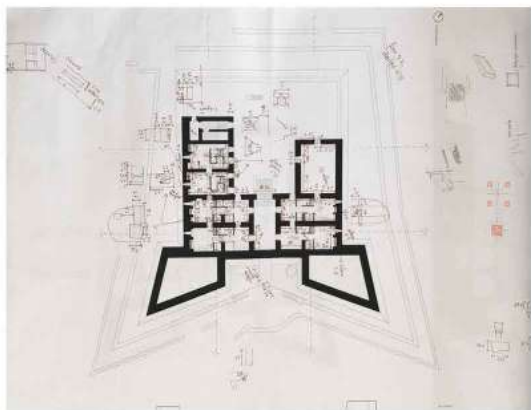
O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO

Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria



Esquissos Percursos

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria



Esquissos Forte do Pessegueiro

ANEXO 5

Elementos da Apresentação Final



Maqueta área de intervenção (Costa e Ilha do Pessegueiro)
Escala 1:1100

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria

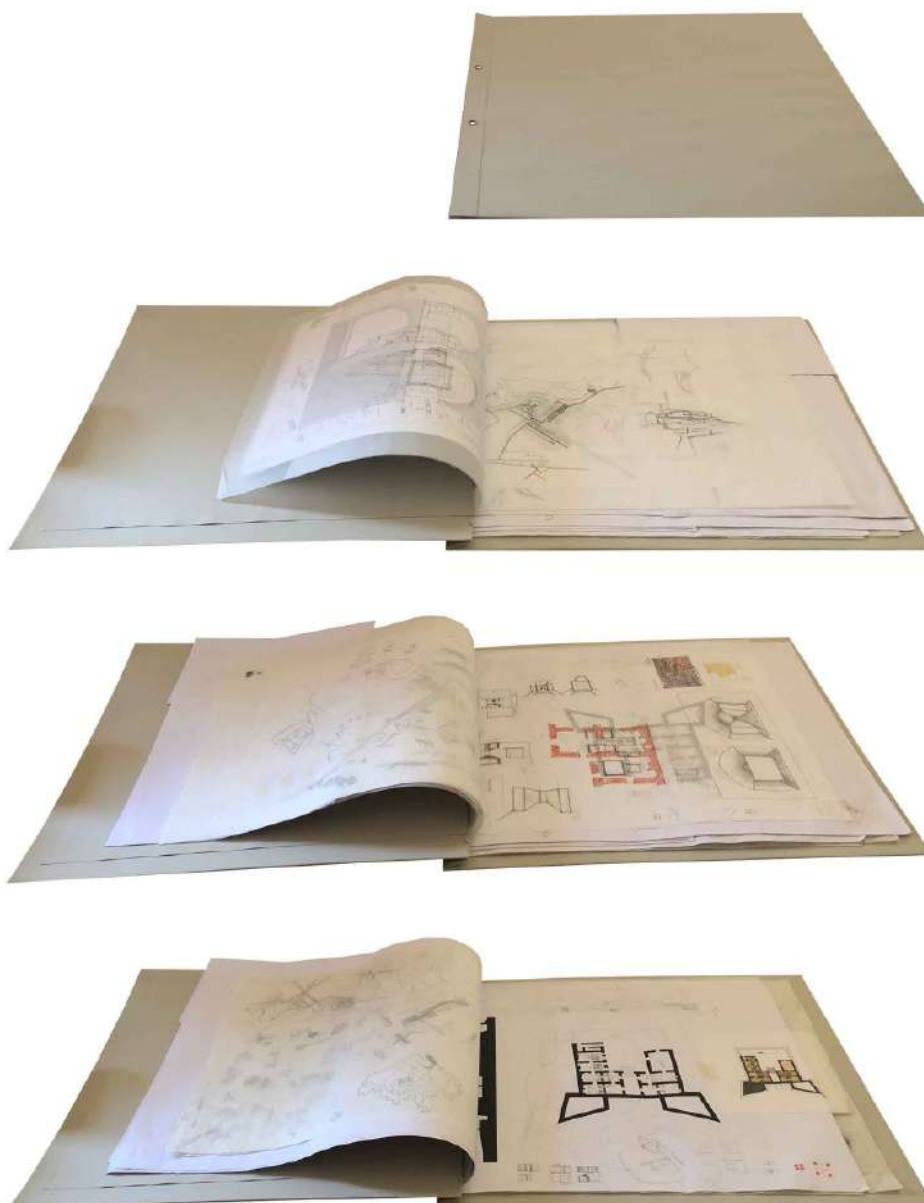


Maqueta cabanas equipamentos de uso balnear
Escala 1:500

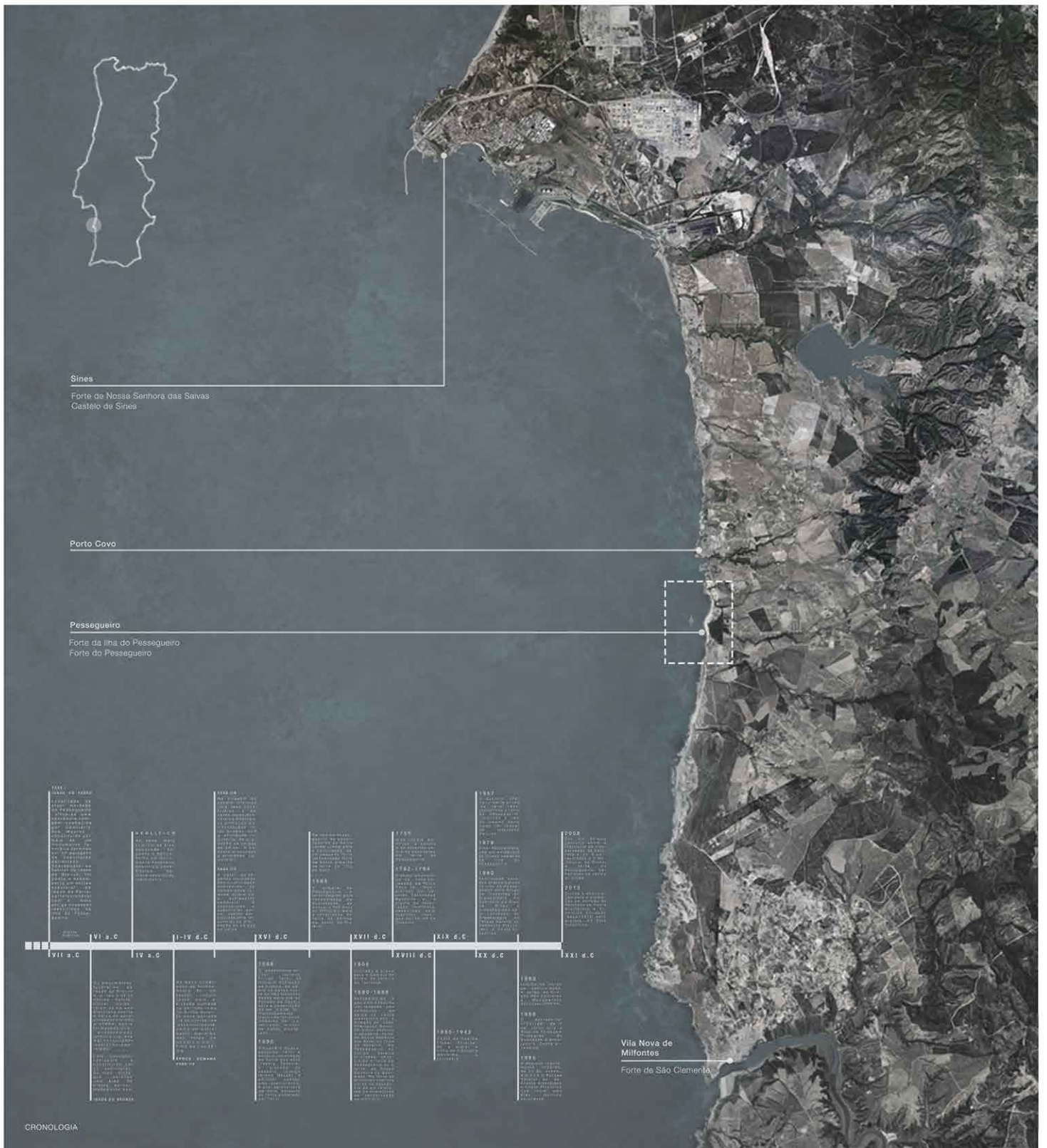


Amostras recolhidas do Pessegueiro

O TERRITÓRIO, A PAISAGEM E O PATRIMÓNIO DO PESSEGUEIRO
Reabilitar o Tempo, o Espaço e a Matéria



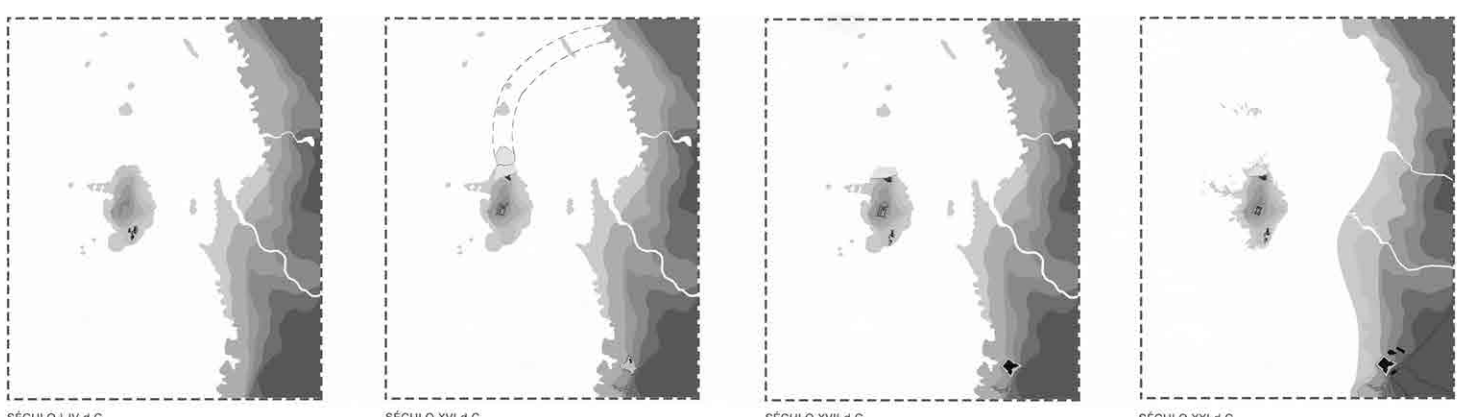
Capa com processo de trabalho



CRONOLOGIA

VII a.c. Fundação da cidade de Sines.	VI a.c. Fundação da cidade de Sines.	IV a.c. Fundação da cidade de Sines.	I-IV d.c. Fundação da cidade de Sines.	XVI d.c. Fundação da cidade de Sines.	XVII d.c. Fundação da cidade de Sines.	XVIII d.c. Fundação da cidade de Sines.	XIX d.c. Fundação da cidade de Sines.	XX d.c. Fundação da cidade de Sines.	XXI d.c. Fundação da cidade de Sines.
---	--	--	--	---	--	---	---	--	---

ORTOFOTOMAPA DA COSTA DO LITORAL ALENTEJANO- DE SINES A VILA NOVA DE MILFONTES





PLANTA DE SÍNTESE FOTOGRÁFICA

LEGENDA:

- 1. **Restaurante**
- 2. **Instalação Santiana**
- 3. **Habitagem**
- 4. **Estacionamento**
- 5. **Restaurante**
- 6. **Anfiteatro**
- 7. **Apóis de praia**
- 8. **Pântão**
- 9. **Capela**
- 10. **Pedreira Alto dos Cortes**
- 11. **Forte do Pessegueiro**
- 12. **Armazém e Habitação**
- 13. **Ruínas romanas**
- 14. **Forte da Ilha do Pessegueiro**
- 15. **Pedreira da Ilha do Pessegueiro**

ROTA VICENTINA

- Trilho dos Pescadores
- Ponto de vista
- Caminho Histórico
- Ponto de vista

VIAJEM ILHA DO PESSEQUEIRO

- Percurso Ilha do Pessegueiro
- Ponto de vista



1

PERCURSO
UMA REDE DE LUGARES



11

TERRITÓRIO



6

VALOR PAISAGISTICO E NATURAL



2



7



12



3

PATRIMÓNIO MILITAR



13

AUTENTICIDADE E INTEGRIDADE



8

VALOR MATERIAL E CONSTRUTIVO



4



9



14



5

VALOR CULTURAL



15

REABILITAR O TEMPO, ESPAÇO E MATÉRIA



10

MEMÓRIA E IDENTIDADE DO LUGAR



1. Ponto de acesso à Ilha do Pessegueiro
2. Ruínas Romanas
3. Forte da Ilha do Pessegueiro
4. Artilha padreira de arremto
5. Capela da Ilha do Pessegueiro



PLANTA PERCURSO ILHA DO PESSEQUEIRO
Escala 1:750



ILUSTRAÇÃO DA CAPELA DA ILHA DO PESSEQUEIRO



ILUSTRAÇÃO DA CHEGADA À ILHA DO PESSEQUEIRO



CORTE DA CAPELA DA ILHA DO PESSEQUEIRO
Escala 1:750



CORTE DO PONTÃO DA ILHA DO PESSEQUEIRO
Escala 1:750





PLANTA PERCURSO ALTO DAS CORTES
 Escala 1:500



ILUSTRAÇÃO DO ACESSO AO INTERIOR DA PEDREIRA ALTO DOS CORTES



CORTE A - A'
 Escala 1:200



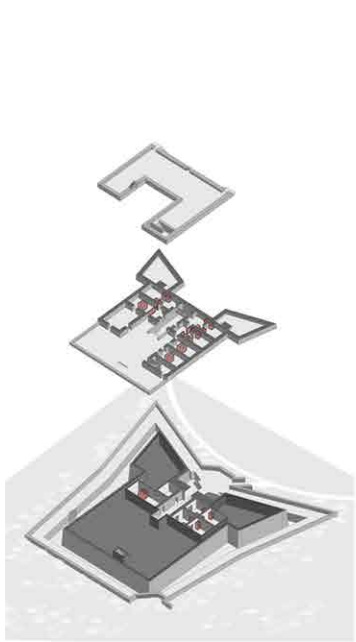
CORTE B - B'
 Escala 1:200



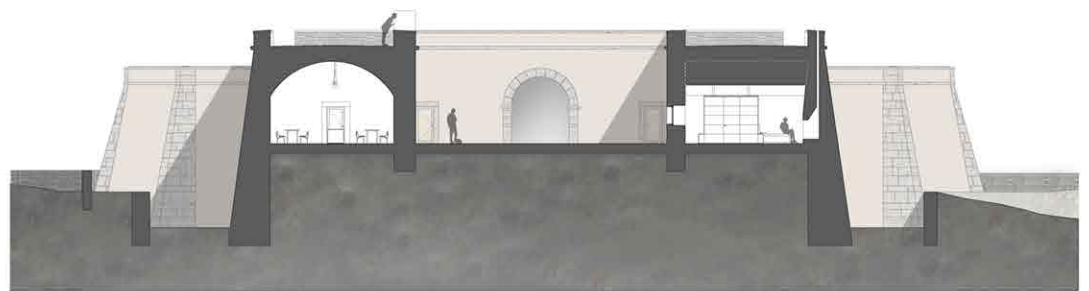
CORTE C - C'
 Escala 1:200



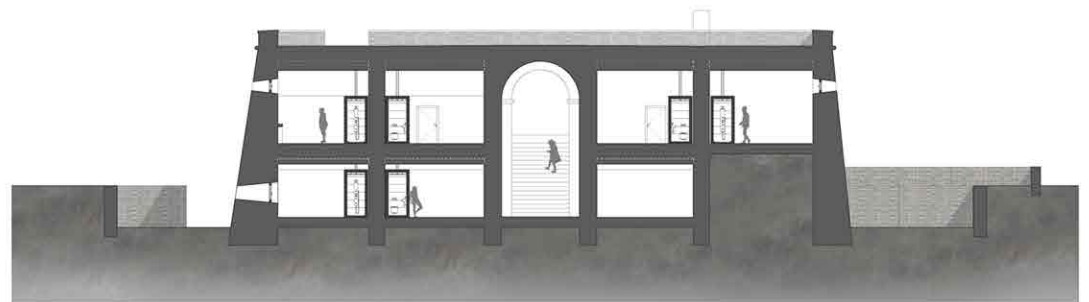
PLANTA FORTE DO PESSEQUEIRO
Piso 0 | Escala 1:150



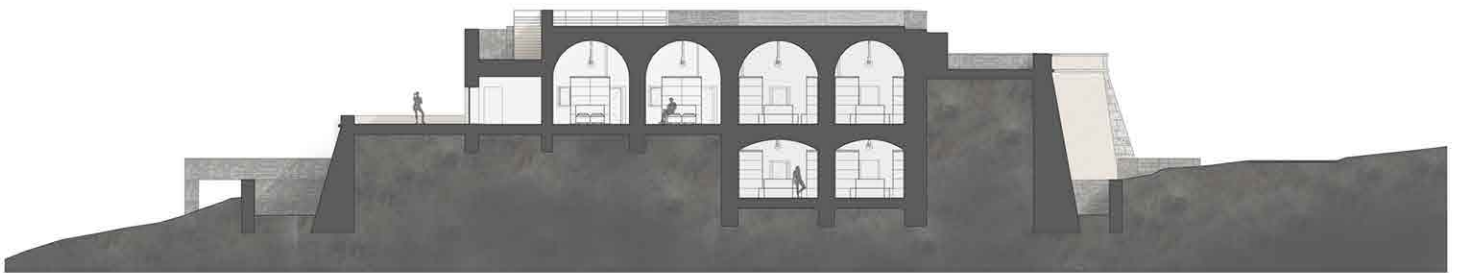
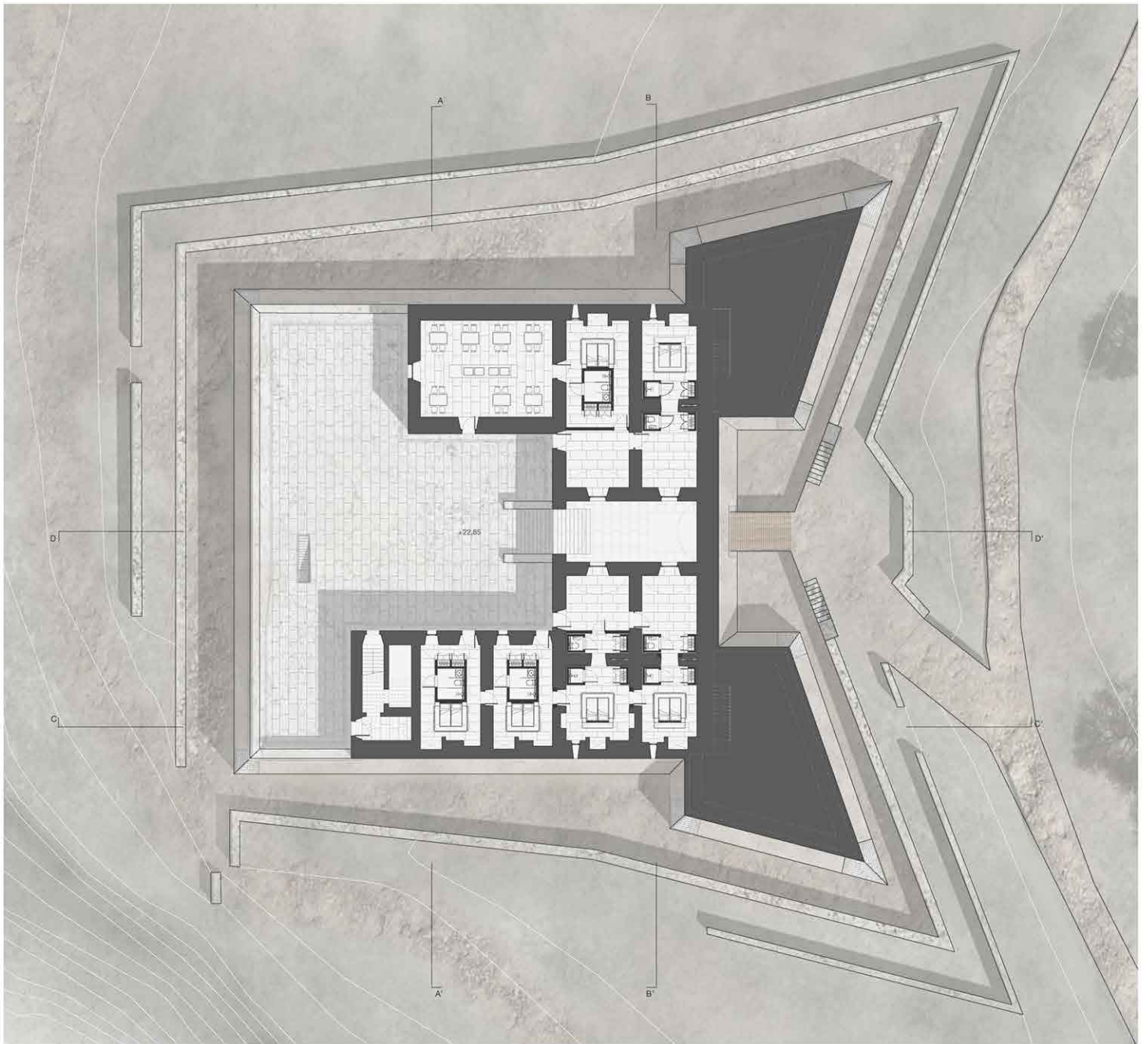
AXONOMETRIA



CORTE A-A'
Escala 1:150



CORTE B-B'
Escala 1:150



CORTE C-C'
Escala 1:150



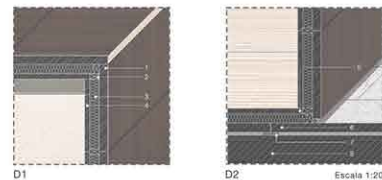
CORTE D-D'
Escala 1:150



PLANTA QUARTOS
Escala 1:50



CORTE A-A'
Escala 1:50



1. Contraplacado Wisa-Form Birch com folhas de betula e revestido com tinta fenólica para utilização em colunas 500x100x60. 2. Montaria de madeira. 3. Isolamento acústico Tera. 4. Contraplacado Wisa-Birch com tinta e revestimento de betula. 5. Contraplacado kashibirch com revestimento de folhas de betula 440x220x4mm. 6. Laje de pedra arenosa. 7. Argamassa. 8. Laje de alvenaria de pedra arenosa.



CORTE B-B'
Escala 1:50



9. Tijolo lambar. 10. Reboco interior. 11. Alvenaria de pedra arenosa. 12. Soco redondo embutido de metal Simex. 13. Misturadora para lavatório controlado com válvula de automática e ligações de alimentação flexíveis. 14. Lavatório de porcelana suspenso 500x200x115mm. 15. PL-Single. Placa de acionamento com descarga única branca 250x160mm. 16. Sanita suspensa Rinnex branco mate 285x406x45mm.



CORTE C-C'
Escala 1:50

17. Luminária pendente de vidro soprado 350x10mm. 18. Espelho LED com anti-embacamento e luz inferior mediana, altura de sensores 600 x 35x 800mm. 19. Coluna de hidromassagem FLEX 90JUNG. Sombra 1410 x210x450mm. 20. Divisória fixa vidro transparente com Maclean e perfil para bruto 1500x2000mm. 21. Lavatório de porcelana suspenso Kallien com prateleira integrada 500x450x125 mm. 22. Base de duche entalhada em stonex de cimento 2000x800x35mm.

